

O escritor que se fez por si mesmo

Jamil Snege publicou 11 livros que tiveram circulação restrita, recusou convites de grandes editoras e ainda assim, após dez anos de sua morte, continua festejado por leitores, escritores e acadêmicos



EDITORIAL

Jamil Snege (1939-2003) empresta o nome a um jardinete e a uma Casa de Leitura em Curitiba. Agora em maio, faz uma década que ele partiu. Publicou 11 livros, além de pelo menos 1 romance inédito que os leitores esperam, um dia, conhecer.

Transitou pela poesia, pela ficção, pelo teatro, pelo ensaio, pela crônica e por outras veredas. Sobreviveu atuando no mercado publicitário. Também tentou ser comerciante. Quase foi paraquedista. Se quisesse, teria sido ator — era um talentoso imitador do comportamento e voz alheias.

Divertido, como poucos, foi múltiplo. Era raro. Quem o conheceu, diz que praticava a amizade, estimulando a reflexão — o tempo todo. Quem não o conheceu, mas apenas o seu legado escrito, não hesita: foi, e é, um dos nomes expressivos da literatura brasileira contemporânea.

Esta edição do **Cândido** traz um dossiê a respeito do Turco, como o autor era conhecido e chamado pelos mais próximos. A matéria de abertura apresenta a obra de Snege, que tem repercussão em outros Estados, inclusive dentro das universidades, onde é matéria-prima para estudos acadêmicos. Franco Caldas Fuchs, autor de uma biografia inédita sobre Jamil Snege, revela aspectos e curiosidades biográficas.

O gaúcho Ernani Ssó, autor da mais recente tradução de *Dom Quixote*, de Cervantes, aparece com um texto inédito, que ele enviou para o autor em 2003 e apenas o Turco leu, pouco antes de falecer, no dia 16 de maio.

Algumas fotografias que ilustram os textos são de autoria de Daniel Snege, o filho mais velho de Jamil — que terá uma exposição com fotos inéditas do pai em cartaz na Biblioteca Pública do Paraná neste mês. Jean Snege, o caçula, é escritor e participa da homenagem com um texto afetivo produzido especialmente para este especial.

Boa leitura.

CARTUM

CESAR MARCHESINI



BIBLIOTECA AFETIVA

Muitos livros vieram antes, muitos depois, mas *1984*, do George Orwell, me pegou de jeito. Se não me engano era 1996. Eu costumava a passar muito tempo dentro de ônibus e decidi aproveitar essas horas desperdiçadas para ler. No caso de *1984*, a história icônica de Winston Smith e do Grande Irmão tinha tudo o que eu queria: força, iconoclastia, profundidade, e pintava um mundo no limite, não tão diferente do nosso. Em determinado momento do livro, quando o casal é capturado pela guarda do Grande Irmão, meu choque foi muito grande. Porém, estava dentro de um Ligeirinho, chegando no ponto final. Tinha que parar. Qual o quê! A leitura era tão envolvente que saí do ônibus e fiquei uns 20 minutos dentro do Tubo do Ligeirinho, parado em pé, tarde da noite, até terminar o capítulo.

Simon Taylor é cartunista e designer gráfico. Diretor da Ctrl S Comunicação. Também é autor do livro *Meus casos de sucesso*, lançado em 2013. É curitibano, da turma de 1974, e devoto de São Elvis. Vive em Curitiba (PR).



Da minha biblioteca afetiva, destaco *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, que narra a trajetória de um homem numa paisagem noturna e montanhosa. Ele foge? Talvez fuja. Mas de quê? Fica a impressão de que cometeu um crime. É tudo nebuloso. Ao amanhecer descobre uma fazenda onde se oferece para trabalhar. Mas sua competência vai muito além do que se exige de um trabalhador rural. A dona da fazenda, ao perceber as competências de Martim, desconfia de que se trata na verdade de um engenheiro. Mas o que faz ali um engenheiro aceitando um trabalho inferior à sua competência? Nada se revela claramente. Finalmente a dona da fazenda chama um policial e Martim sente-se aliviado porque agora poderá pagar por seu crime.

Menalton Braff é escritor. Autor, entre outros, dos romances *Bolero de Ravel* e *O casarão da rua do Rosário*, e das coletâneas de contos *À sombra do cipreste* e *A coleira no pescoço*. Vive em Ribeirão Preto (SP).



EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Marcio Renato dos Santos, Melissa Saldanha, Omar Godoy, Thais Oliveira e Tatjane Garcia.

Fotografia:

Kraw Penas

Projeto gráfico e diagramação:

Versão Design

Colaboradores desta edição:

Carlos Machado, Cesar Marchesini, Daniel Snege, Dalts, Ernani Ssó, Fabio Silvestre Cardoso, Franco Fuchs, Felipe Munhoz, Jean Snege, Marcelo Cipis, Marina Moraes, Rafael Sica e Theo Szczepanski.

Contato:

imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

www.candido.bpp.pr.gov.br / www.bpp.pr.gov.br

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h
Sábado: 8h30 às 13h Contato: (41) 3221-4900

CURTAS DA BPP

Roberto Gomes participa do projeto “Um Escritor na Biblioteca”

Roberto Gomes é o segundo convidado do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. O bate-papo acontece em 8 de maio, às 19h, no Auditório Paul Garfunkel da BPP. Radicado em Curitiba desde 1964, Gomes publicou romances, contos, crônicas e obras infantojuvenis. Recebeu o prêmio Jabuti por *O menino que descobriu o sol* (1982). Seu mais recente livro é o romance *O conhecimento de Anatol Kraft*, lançado em 2011. Atualmente, o autor escreve quinzenalmente no jornal *Gazeta do Povo*. Retornado há dois anos, o projeto “Um Escritor na Biblioteca” já recebeu mais de 20 au-



tores. Ainda este ano, estarão na BPP os escritores Ronaldo Correia de Brito (junho), Bernardo Carvalho (julho), Michel Laub (agosto), Marcelo Backes (setembro), Paulo Scott (outubro) e Luci Collin (novembro).

Mary e Eliardo França conversam com o público infantil no “Aventuras Literárias”

A próxima edição do projeto “Aventuras Literárias” traz o casal de escritores Mary e Eliardo França. O bate-papo acontece no dia 9 de maio, às 15 h, no Auditório Paul Garfunkel da Biblioteca Pública do Paraná. A entrada é franca. Criadores de diversas obras que fazem sucesso há décadas, Mary e Eliardo fizeram parte do grupo de autores que renovou o cenário dos livros produzidos

para crianças nos anos 1970. A parceria com Eliardo começou com *O menino que voa*, de 1973. Dentre os maiores sucessos de Mary e Eliardo França para o público infantil está a coleção *Gato e Rato*, vencedora do Prêmio Ofélia Fontes em 1978. A vasta obra da dupla, além de muito premiada, já foi traduzida diversas línguas, como o inglês, o coreano e o chinês.

Oficina infantojuvenil

Ernani Ssó ministra a próxima “Oficina BPP de Criação Literária”, dedicada ao gênero infantojuvenil. O curso ocorre entre 12 e 14 de junho. O escritor gaúcho, autor de romances e obras direcionadas ao público infantil, vai selecionar 20 pessoas. Para se inscrever, é preciso enviar um breve currículo e um texto, de no máximo duas laudas, com texto de ficção que recrie a história de João e Maria. O material deve ser enviado, até 31 de maio, para o endereço oficina@bpp.pr.gov.br.



Notas da Província

Homenagem a Jamil Snege

O escritor curitibano Jamil Snege faleceu no dia 16 de maio de 2003. Este ano, na mesma data, a BPP presta homenagem ao autor. A partir das 19 horas, entra em cartaz na hall térreo uma exposição com fotos de Daniel Snege, filho do autor. Há imagens já veiculadas, muitas das quais presentes nesta edição do

Cândido, e também outras nunca antes reveladas anteriormente. Na mesma data e horário, os escritores Cristovão Tezza e Miguel Sanches Neto participam de bate-papo no Auditório Paul Garfunkel a respeito do percurso e obra de Snege. Ambos foram amigos e conviveram com o autor. A entrada é franca.

Jandique #2

No próximo dia 25 de maio será lançado o segundo número da revista literária Jandique. Trimestral, o periódico publica apenas escritores e artistas paranaenses. No próximo número, a revista traz textos de Luci Collin, Luís Henrique Pellan-

da, Martina Sohn Fischer, Leonarda Glück, Tiago Macedo, Diego Fortes e Otávio Linhares. Outro destaque é entrevista com Rogério Pereira, editor do jornal Rascunho e diretor da Biblioteca Pública do Paraná. O lançamento acontece na livraria Arte&Letra.

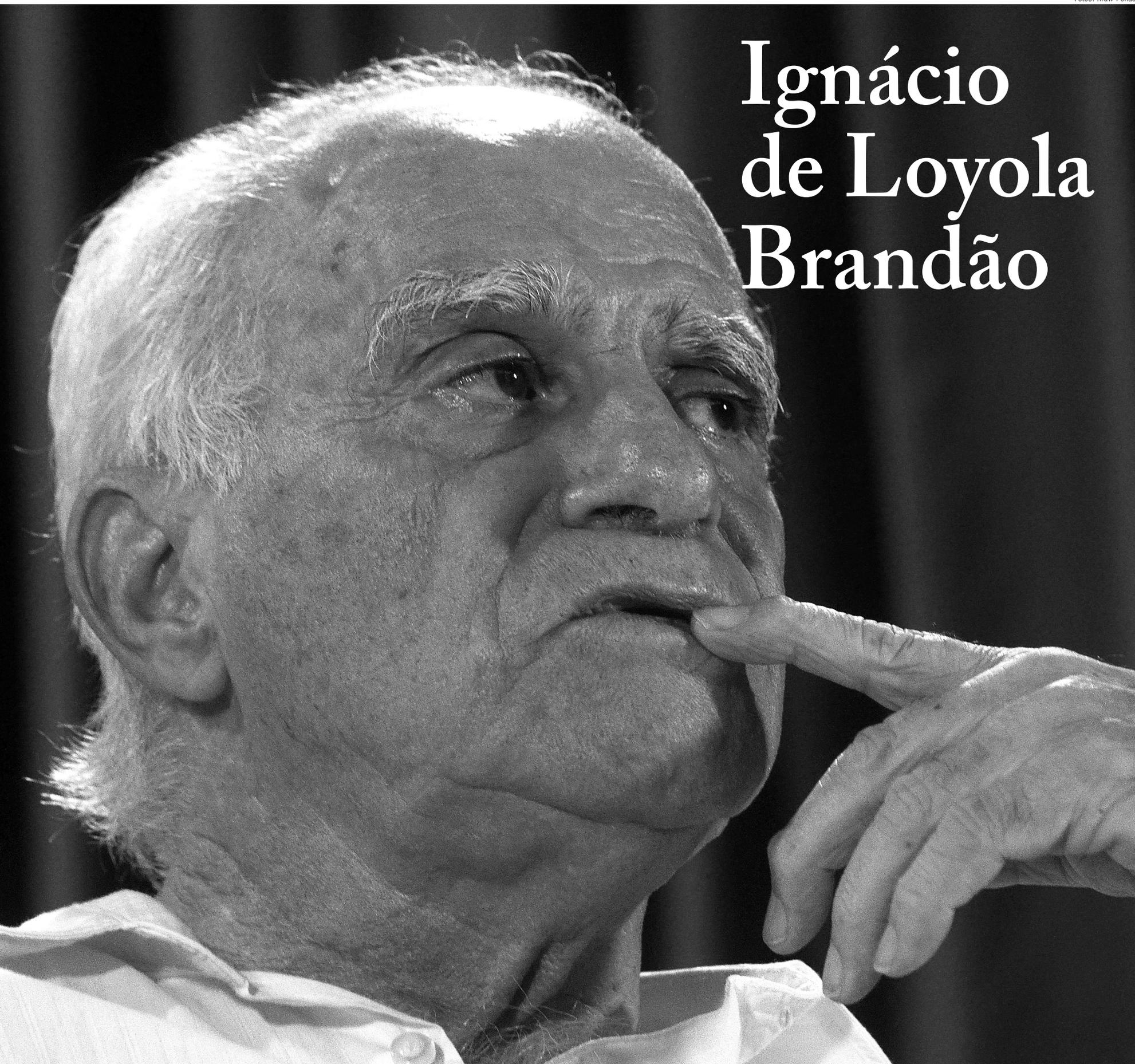
Uma festa para a prosa e outra para a poesia

Curitiba será sede de pelo menos duas novas festas literárias neste ano. A primeira se chama Litercultura e vai acontecer no mês de agosto, tendo como ponto de irradiação o Palácio Garibaldi, no bairro São Francisco. Já estão confirmadas as presenças do escritor português Gonçalo M. Tavares, da presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Ana Maria Machado e do jornalista Sílio

Bocanera, correspondente internacional da TV Globo. A curadoria fica sob responsabilidade de Mário Hélio Gomes. Para outubro está prevista a realização do Festival de Poesia de Curitiba. O projeto, da produtora Abaporu, quer levar a poesia para diversos pontos da cidade por meio de shows, performances e leituras. Os debates, que estarão sob responsabilidade da poeta Alice Ruiz, devem contemplar nomes como Arnaldo Antunes, Mário Bortolotto e Chacal, entre outros cogitados. Pelo que é ventilado na mídia, a ideia é realizar, para a poesia, um evento tão expressivo como o Festival de Curitiba é para a dramaturgia.



Ignácio de Loyola Brandão



Desde 1956, quando saiu de sua cidade natal, Araraquara, rumo à capital São Paulo, Ignácio de Loyola Brandão sempre viveu da imaginação. Seja como jornalista, profissão que atuou durante várias décadas, ou cronista, condição que ocupa hoje no jornal *O Estado de São Paulo*, Ignácio fez quase tudo utilizando as palavras. Em 39 livros, escreveu contos, crônicas, romances, biografias, relatos de viagem, memórias e narrativas infatojuvenis. Essas obras foram traduzidas para diversas línguas, como inglês, húngaro, alemão, espanhol, francês e italiano. O autor também teve livros adaptados para o cinema e para o teatro. Ganhou duas vezes o Prêmio Jabuti. Ignácio abriu a temporada 2013 do projeto “Um Escritor na Biblioteca” contando um pouco dessa trajetória longa e brilhante na literatura brasileira. E em grande estilo. Mais de 250 pessoas se reuniram para ouvir o autor de *Zero*, que transformou o bate-papo em um *show*, contando histórias ao mesmo tempo hilariantes e dramáticas, como o episódio de seu aneurisma, diagnosticado em 1996 e que mudou – para melhor – a vida do escritor após uma bem-sucedida cirurgia. Ignácio também falou sobre a sua grande paixão, o cinema, e seu fascínio pelo clássico *Oito e meio*, longa de Federico Fellini visto pelo escritor brasileiro 112 vezes desde 1963. “O cinema está presente em todos os momentos da minha vida”, diz o escritor, que ainda revelou a influência de Fellini em um de seus principais romances, *Zero*. Aos 77 anos e um dos escritores mais prolíferos do atual cenário, Ignácio deixou uma mensagem de otimismo ao público. “Eu me alegro muito em fazer parte desses bravos e humildes lutadores, que tentam definir o homem brasileiro, entender o que é vida, o que é o país, o que é a morte, enfim, entender por que estamos aqui. Como nunca se consegue, vou escrever até o final, até completar 104 anos e for visitar o Niemeyer.” Confira o papo.

Biblioteca em casa

Meu pai era ferroviário, quase operário. Um homem excepcional, porque na década de 1940, em uma cidade que não havia livrarias, ele tinha uma biblioteca de mil volumes comprados com muito sacrifício e com muita economia. Ele, por exemplo, nunca tomava cerveja no domingo, porque era mais caro, então ele guardava o dinheiro. Lia uma notícia sobre um livro no jornal, a livraria era em São Paulo, ele economizava o dinheiro e dava para o maquinista do trem, porque na estrada de ferro todo mundo se conhecia. Essas pessoas levavam o trem para São Paulo em um dia, passavam na livraria, pegavam a encomenda e voltavam no dia seguinte. Essa biblioteca de meu pai tinha Machado de Assis, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, em uma edição muito antiga, havia uma enciclopédia Jackson, que era a grande enciclopédia da época, fantástica, com 20 volumes. Fico um pouco emocionado, pois essa enciclopédia está comigo hoje e foi ela o princípio do meu livro infantil *O menino que vendia palavras*, que é uma memória de infância onde entra meu pai e minha professora, Lurdes Prado, que está viva até hoje. Vou até Araraquara e sempre a visito. Imagine você, tendo escrito tantos livros, tendo feito uma carreira em cima da escrita, conversando com a mulher que me ensinou a ler e escrever, é uma coisa incrível.

Influência do pai

Meu pai estudou esperanto sozinho, através dos livros. Ele tinha um livro muito interessante, que ficava sempre escondido, que se chamava *Nossa vida sexual*, do Fritz Kahn, que eu sempre pegava para ler e que tinha umas imagens maravilhosas e terríveis. *Nossa vida sexual* está dentro do *Zero*, quando José narra sua formação. Eu reaproveito, porque a literatura é feita de memórias, é feita de fantasia, é feita de invenções, é feita de realidade. São os quatro pilares da literatura. Nessa biblioteca, via meu pai

voltando do trabalho, tomando banho, sentando durante meia hora, quarenta minutos e lendo. Eu via meu pai muito concentrado, muito alegre, rindo e, de repente, triste. Sempre me perguntava porque aquelas caras que meu pai fazia. Um dia ele me respondeu que a cara dependia do livro. Se era um livro engraçado, alegre, ele o satisfazia, se era mais triste, o comovia. Sentia que inconscientemente a literatura era uma coisa que tocava e mudava meu pai. Essa biblioteca ainda existe, está lá na mesma casa, onde meu irmão ainda mora.

Outras bibliotecas

Outro espaço importante para mim foi a Biblioteca Municipal de Araraquara, que se chama Mario de Andrade. Foi lá que descobri que se podia ler de graça. Ela era muito boa. Lembro, inclusive, que tinha toda a coleção do Jorge Amado. Curiosamente, o Jorge Amado era trancado em uma gaveta e proibido para mulheres. Estou falando dos anos 1950. A gente pegava *Cacau*, *Capitães de areia*, etc. Os palavrões já estavam assinados com lápis. Claro que Jorge Amado influenciou muito minha cabeça. Nessa biblioteca tive acesso a toda literatura americana, desde John Dos Passos, que agora está sendo reeditado, Hemingway, Faulkner, Thomas Mann, Charles Morgan, toda a coleção do Graciliano Ramos, Machado de Assis, Eça de Queirós. Nos reuníamos nessa biblioteca, pessoas como Zé Celso Martinez Correia, que criou o Teatro Oficina, talvez o mais revolucionário dos anos 1960, tinha também o Salinas Fortes, que foi um grande professor de filosofia e tradutor do Sartre, o Marco Antonio Rocha, grande jornalista de economia, o Sidney Sanches, que veio a se tornar advogado, desembargador e presidente do STF, e a Ruth Cardoso, ex-primeira dama brasileira — a mãe dela, inclusive, me deu aula. Essa turma se encontrava na biblioteca e ficava trocando figurinha. Foi ali que li meu primeiro li-

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

“No fundo, meu primeiro sonho foi ser diretor de cinema. No fundo, meu sonho continuava sendo ser diretor de cinema.”

vro sobre cinema e que, encantado, busquei mais livros até me tornar crítico.

Cinema

Também me tornei crítico porque não tinha dinheiro e descobri que, em um dia da semana, o crítico tinha uma chamada permanente e entrava de graça. Fiz minha primeira crítica, levei ao jornal e foi publicada. Fiz várias críticas até ser efetivado no jornal. Aí eu ia ao cinema todos os dias. O cinema influenciou toda minha literatura, que é pura imagem. Cada um de meus livros nasceram de imagens. As imagens ficam gravadas em minha mente, me perseguem e eu acabo transformando em palavras. Fui crítico de cinema até o dia que descobri uma coisa muito impactante: eu nunca tinha colocado nenhum espectador dentro do cinema, nem tirado. Nunca mais fiz crítica. Recentemente me foi pedido que fizesse resenhas. Disse que podia fazer resenhas de livros estrangeiros, de livros brasileiros não quero fazer, porque o dia que eu não gostar de um livro, não vou falar mal de um companheiro, porque eu posso não gostar, mas outra pessoa pode gostar, então jamais serei um resenhador de livros.

Imaginação

Eu me emociono com o meu professor de matemática, já morto, Ulisses Ribeiro, que foi uma figura fantástica. Fui fazer o científico, após ter terminado o ginásio, que era todo diferente, porque você tinha o primário, o ginásio e o científico. Científico era para exatas, clássico era para humanas, mas ambos eram cursos pré-universitários da época. No científico tinha matemática, química e física,

três matérias mortais para mim. Entrei no científico. No último dia, o exame final era de matemática. Se reprovasse em uma matéria, teria que fazer de novo o ano inteiro, não tinha brincadeira. Eram treze matérias. Todo meu grupo já tinha ido embora para São Paulo, só faltava eu. Deixei a mala pronta, porque odiava Araraquara, não podia mais ver aquela cidadezinha chata, onde não acontecia nada, onde o bar fechava à meia-noite, as meninas todas queriam casar. Fiz o último exame de matemática, era um exame oral feito em um grande salão, chamado Salão Nobre, a mesma sala em que [Jean-Paul] Sartre fez a famosa conferência de Araraquara sobre existencialismo e marxismo. O professor Ulisses, que era magro, severo e um grande gozador, me perguntou se eu já estava com a mala pronta, pois sabia que eu queria ir embora. Ulisses perguntou de quanto precisava para passar. Nove pontos sete, respondi. Ele riu e me passou somente uma equação, era tudo ou nada. Quem não tem nada a perder, arrisca tudo. A gente está arriscando a vida o tempo inteiro, é sempre um risco. Ele me chamou para um canto da sala, colocou uma equação na lousa. Podia ser hebraico, aramaico, hieroglifo, não tinha a mínima ideia do que estava lá. O professor me pediu que olhasse para a equação. Vi diversas alunas da classe normal, aquela que forma professoras. Olhei aquelas menininhas lindas, cheirando sabonete, me olhando e olhando para a equação, e pensei: “Posso fazer tudo, menos feio”. Cheguei à lousa e comeci a colocar todos os símbolos matemáticos que vieram à cabeça porque era bonito, inventei um bando de fórmulas e terminei. Até hoje,

quando volto a Araraquara e encontro uma daquelas meninas, já avós, me dizem que nunca esqueceram daquela manhã. Nem eu, respondo. O Ulisses corrigiu a equação, me deu nota dez. Fomos para a mesa, sentei e falei que sabia que somente o lado direito da nota que valia, falei que não poderia fazer feio lá na frente, “além de repetir de ano, ririam de mim”. Ainda assim, o professor manteve a nota, “é dez pelo delírio, pela invenção, pela fantasia e imaginação. Vai embora Ignácio, porque seu mundo é o da imaginação.” Ele manteve a nota. Aquele professor olhou dentro de mim e sabia que meu mundo era outro. Daquela tarde de 1956 até esta noite aqui em Curitiba, vivi da imaginação, com toques de realidade. Esse é o professor que eu gostaria que pudesse ter em todo lugar do Brasil.

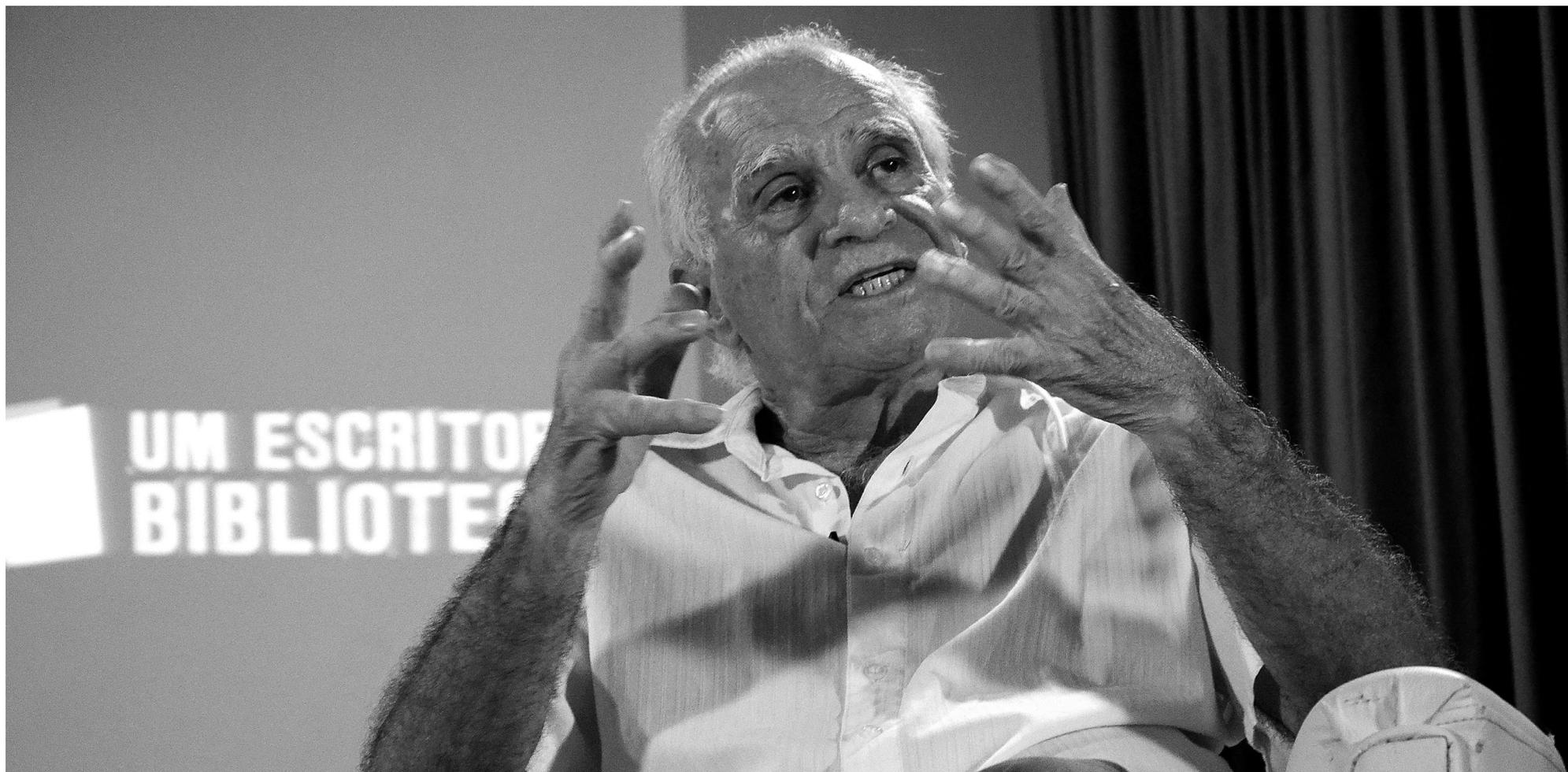
Solidão no fundo da agulha

É um livro muito querido. Foi feito pela Fundação Carlos Chagas, uma coisa toda especial dentro de um projeto chamado “Livro para Todos”. É um dos meus livros mais bonitos, bonito graficamente, pois tem fotos e um CD com músicas. A Fundação Carlos Chagas é instituição que consegue doações, patrocínios, etc., e forma bibliotecas, que são enviadas para cidades com menos de 20 mil habitantes. É uma coisa muito interessante. Um projeto que já tem quase três anos e sempre tem uma madrinha, um padrinho. No primeiro ano foi a Lygia Fagundes Telles, no segundo, eu. Este ano o padrinho é o Milton Hatoum. Em uma reunião desse projeto, ouvi no rádio de uma secretária um bolero. E nessa hora falei para um das diretoras: “Nossa, agora fui remetido a Araraquara, em um domingo a noite, sentando em frente ao clube, ouvindo a domingueira. Não podia entrar no clube, mas adorava a orquestra e o cantor de bolero, que era o melhor da região”. Ela me perguntou se eu já havia escrito sobre isso, falei que não, então me perguntou se eu tinha outras lembranças com mú-

sicas. “Se eu fizer um esforço, tenho”, disse. Aí fiquei pensando naquilo, e ela me falou para fazer um livro sobre isso. Já que a Rita [Gullo], minha filha, que estudou canto lírico, desistiu e foi tentar música popular brasileira, eu quis que ela cantasse as músicas sobre as quais escrevi no livro. Durante nove, dez meses eu escrevi, reconstituindo momentos e, quando a memória falhava, inventava.

Outras canções

Em 1978, tinha me separado da minha primeira mulher e fui para Cuba. Fiquei lá quarenta dias, onde participei de um júri do prêmio Casa de las Americas. Estavam presentes Fernando Morais e a mulher, Chico Buarque e a Marieta Severo, eu e Wagner Careli. Foi o primeiro grupo que conseguiu ir para Cuba em plena ditadura. E uma noite, em uma cidade do interior, onde estávamos confinados em um hotel para lermos os originais, fui para a beirada de um lago junto com uma jornalista mexicana chamada Irene. Estávamos ali e começou a nascer uma coisa muito gostosa entre nós. Nesse momento ouvimos a Mercedes Sosa cantando a música “Alfonsina e o mar”, que é uma canção maravilhosa sobre uma poeta chilena ou argentina, que teve um câncer e se suicidou entrando no mar. Essa canção da Mercedes me perseguiu a vida toda, até recentemente. A Irene foi uma pessoa muito curiosa, porque o sonho dela, aos 24 anos, era ir para a Nicarágua lutar com os sandinistas. E ela foi. Anos depois, em um dos aniversários da Revolução, um grupo de intelectuais foi convidado para ir a Manágua. Também fui. Eu estava no palanque e havia uma multidão de umas 500 mil pessoas. No meio de toda aquela gente eu vi a Irene. Era uma loira de olhos verdes. Ao lado dela tinha um cara com um fuzil nas costas. Do palanque eu acenava, mas ela não respondia. Desci e me meti no meio daquela multidão na direção dela, porém fui sendo empurrado até sair do meio da multidão.



“Outra espaço importante para mim foi a Biblioteca Municipal de Araraquara, que se chama Mario de Andrade. Foi lá que descobri que se podia ler de graça.”

Nunca mais vi Irene. Será que era mesmo Irene que eu vi? Então esses pequenos mistérios eu deixo dentro deste livro, muitas dessas coisas do que é e não é, do que a gente quer ver e do que não quer ver.

O que é literatura?

Literatura é um pouco de reconstituição da vida, um pouco de você tentar se encontrar, um pouco de você procurar os outros. Um pouco de você tentar sa-

ber o que é a vida, tem sentindo ou não tem? E a morte? Eu já estive à beira da morte e recuei. Não passei para o lado de lá. Em 1996 descobri que tinha um aneurisma cerebral, coisa que ninguém descobre, porque aneurisma não tem sintoma. Na medicina, é chamado de assassino silencioso. Quando ele dá o sintoma, que é uma dor de cabeça fortíssima, ele já explodiu na sua cabeça e você parte. Um dia, fazendo um exame de rotina, o médi-

co achou o aneurisma na artéria cerebral direita. Ele falou que não era grande, dava para conviver com isso, mas a qualquer momento ele poderia estourar. Me informei da cirurgia, mas disse que não faria. Quando eu ia saindo, ele chamou minha mulher e disse a ela que em dois dias eu estaria ali no consultório novamente. Em três dias eu voltei. Enquanto andava na rua, ia imaginando em qual esquina ia cair. Na redação da Vogue, onde era diretor, ficava me perguntando quando ia cair em cima da máquina. Acabei operando e resolvi escrever sobre essa experiência, de acordar e não saber se estava morto ou vivo. Acordo em uma UTI, ainda meio sonado com a anestesia, 13 horas de cirurgia, e o médico querendo fazer uns exercícios, que eram bem bobos por sinal. E aí pensei que eu estava vivo e tinha passado por uma experiência, a qual eu preci-

sava passar para o papel.

Veia bailarina

O livro se chama *Veia bailarina* porque uma enfermeira estava tentando colocar um cateter em mim e não conseguia. Tentou uma, duas, três, quatro, cinco vezes e reclamou: “Ah, meu deus, o senhor tem veia bailarina”. Na hora eu estava meio dopado por uma pré anestesia. No meu bolso sempre tem minha cadernetinha. Saí da UTI e perguntei para a enfermeira o que significava veia bailarina. “Gíria de enfermagem”, disse ela. Poesia tem até no hospital. E me disse que era quando a veia dança, recusando a agulha. Esse livro acabou sendo muito usado por médicos, que o recomendam para quem vai passar por uma cirurgia de alto risco e muito evasiva. Então acabei fazendo livro de autoajuda, coisa que odeio.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

“ De 1956 até esta noite aqui em Curitiba, vivi da imaginação, com toques de realidade.”

Crítica de cinema

Fui, primeiramente, um crítico de cinema para me divertir. Sempre adorei cinema. O meu primeiro chefe, que era um velho jornalista de Araraquara, sempre dizia assim: “Para falar mal de um livro ou um filme, você está gastando espaço, então aproveite para indicar uma coisa boa”. Agora, quando eu não gostava mesmo, quando ficava irritado, para desafogar, eu fazia o que todo crítico faz: mete o pau. Crítico adora meter o pau. Eu adorava mais ainda utilizando palavras difíceis e técnicas, que era para o público não entender nada. Mas a crítica que eu gostava de fazer era para ressaltar determinados momentos. Uma luz dentro de um filme, uma canção, um diálogo. Sempre anotei muito diálogo de filmes, peças, frases de canções. Até hoje anoto, porque isso eu uso depois. Foi importante para mim, aprender a ver o filme uma primeira vez pelo puro prazer, e a segunda para tentar desconstruir o filme, onde eu ia analisando como o diretor fazia cada cena.

O sonho da direção

No fundo, meu primeiro sonho foi ser diretor de cinema. No fundo, meu sonho continua sendo ser diretor de cinema. Eu tenho tanto projeto, e um deles é dirigir um filme, porque sem sonho e sem projetos, a vida não é nada. Ainda faço meu filme. E meu filme será algo no tom, no estilo do *Oito e meio*, que já vi 112 vezes, desde 1963. Adoro cinema, mas também vejo muito DVD, porque em São Paulo está cada vez mais complicado ir ao cinema.

Anotações

Desde os 18 anos carrego uma cadernetinha comigo. Outro dia fizemos uma reforma no apartamento e começamos a achar coisas em armários. Minha mulher e minha filha foram recolhendo em uma caixinha as cadernetas. Encontramos 4.912. Sei lá, qualquer dia eu coloco fogo nelas. Às vezes nem sei o que marquei lá.

Zero

O *Zero* é um dos meus livros mais conhecidos, mais polemizados, mais traduzidos. Foi o primeiro romance brasileiro que enfrentou a ditadura, que falou como era a ditadura neste país, com prisão, com tortura, com os desaparecimentos, a luta armada, com tudo que estava acontecendo. Esse livro começou com o olhar de uma mulher. Eu estava em um restaurante típico, e quando olhei, tinha na janela da cozinha uma auxiliar olhando para o restaurante com o olhar mais triste que já vi. Um olhar melancólico, um olhar de solidão. E aquilo ficou na minha cabeça.

Rosa e José

Decidi que aquela mulher tinha que ter um nome brasileiro e a chamei de Rosa. Um personagem precisa de um contraponto, aí criei o José, que era um cara que não tinha emprego e ficava guardando um depósito de livros, e é nesse depósito que ele lê tanto livro político, que a mente dele se forma. E a ditadura comendo aqui fora. Eu precisa de um emprego para o José, é aí que entra o cinema. Fui ao cinema em uma tarde, pois tinha que fazer uma crítica para o jornal *Última Hora*. Não tive tempo de almoçar, então levei um sanduíche. O filme estava muito interessante e coloquei o sanduíche na poltrona ao lado.



Quando virei para pegá-lo novamente, tinha um rato gigante o comendo. Quando sai, falei para o porteiro que um rato estava comendo meu sanduíche e ele me respondeu que estava cheio de ratos por lá e que até procuraram alguém que estivesse interessado em matar ratos, mas ninguém queria. Aí eu descobri a profissão do José. É a primeira frase do livro: “José mata ratos em um cinema poeira”.

A censura

Assim que começou 1964, cada empresa de comunicação tinha um censor. Para sair ou entrar, precisava da autorização deles. Tudo o que eles proibiam, eu, como editor de redação, guardava. Depois de um ano, quando tirei aquilo da gaveta, sabia que era tudo o que o país não tinha visto, tudo que o brasileiro não soube. *Zero* é uma história oculta. E eu tinha centenas de histórias, então comecei a reescrevê-las. Ao pensar sobre qual seria a estrutura para o livro, assisti *Oito e meio*, que foi fundamental, porque sua estrutura tem absoluta liberdade. O [Federico] Fellini não se prendeu a uma narração com começo, meio e fim. Tem plano da realidade, tem plano da realidade imaginada, idealizada pelo personagem, tem o plano da infância, o plano do sonho, tem o plano da imaginação. Ele compõe um painel por meio de um diretor de cinema em crise de criação, porque o Marcello Mastroianni [principal ator do longa] é um cineasta que não consegue fazer um filme. Foi inspirado nesses vários planos que o *Zero* nasceu, o cinema me deu a estrutura do livro. Então o cinema está sempre presente em todos os momentos da minha vida.

Nobel

O Prêmio da Academia sueca é uma coisa tão aleatória, que não tem norma nem nada. De repente eles buscam um autor que nunca se ouviu falar. Não dá para saber. A grande vantagem do prêmio Nobel é o milhão de dólares que o vencedor leva. Mas há, nesta lista de ganha-



Mais de 250 pessoas assistiram ao bate-papo com Ignácio de Loyola Brandão, que teve a mediação do escritor Luís Henrique Pellanda.

dores, grandes autores. Mas há também grandes autores que nunca ganharam o prêmio. É como a Mega-Sena, um para 57 milhões. No mundo deve ter muito mais de 57 milhões de escritores, então a gente luta contra isso. Mas seria muito agradável de ganhar.

Paraná

Eu só gostaria de dizer que tem uma coisa muito gostosa entre minha carreira e o Paraná. No primeiro concurso da Fundação Paraná (Fundepar), de contos, em 1969, fui um dos ganhadores. O grande prêmio foi do Dalton Trevisan, e os outros foram para mim, Flávio José Cardoso e Lygia Fagundes Telles. Então, o primeiro concurso que eu ganhei na vida, um dinheirinho bom, foi aqui no Paraná.

Objetivos

Literatura é, acima de tudo, prazer, sem isso, é bobagem. A literatura tem que ser também um divertimento. Claro

que tem que ser uma obra bem construída, bem feita, com estilo e tudo mais. Porém, ela tem que tocar as pessoas. Literatura é emoção e sentimentos. A literatura, ao longo de sua imensa trajetória, sempre falou do homem e sempre falou de emoção. Desde Shakespeare, falando de ciúme e dúvida, até *Dom Quixote*, que foi o primeiro romance estruturado da história, passando por *Vidas secas*, tudo isso é a condição humana colocada no papel. E eu me alegro muito em fazer parte desses bravos e humildes lutadores, que tentam definir o homem brasileiro, entender o que é a vida, o que é o país, o que é a morte, enfim, entender por que estamos aqui. Como nunca se consegue, vou escrever até o final, até completar 104 anos e for visitar o Niemeyer.

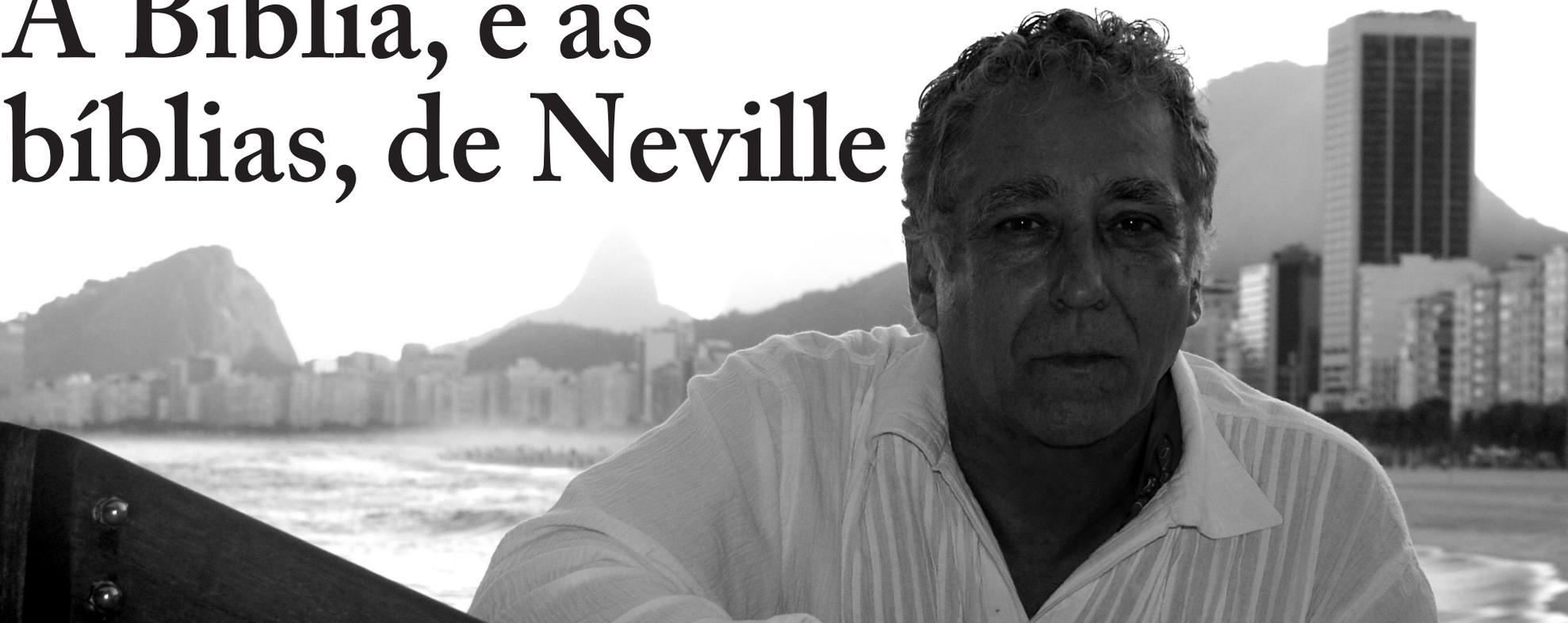
Livro no lixo

Nós, que escrevemos, não temos a mínima ideia de onde vai chegar o que a gente escreve. Eventualmente, encontra-

mos um leitor, alguém que leu um livro, alguém que leu uma crônica, e assim você vai vendo que vale a pena escrever. Esse encontro também pode ser de uma maneira que emociona muito. Hoje, no começo da noite, no hotel onde estou, foram me entrevistar para uma revista. O fotógrafo Henry Milléo me levou uma fotografia. Ele fez um grande documentário sobre lixões e a vida das pessoas que moram neles. Em Telêmaco Borba, o Henry tirou uma foto que me tocou muito fundo. Um menino do lixão que encontrou o meu livro *Não verás país nenhum*. Então, o livro vai para o lixo mas é recolhido por um menino semianalfabeto. O fotógrafo perguntou se ele havia lido o livro. O menino respondeu que leu um pouco, mesmo não entendendo muito, mas que queria lê-lo por completo, porque em determinado pedaço que havia lido, ficara interessado. Aos 94 anos, com cara de 77, ainda vale a pena escrever, para encontrar um momento como esse aqui em Curitiba. ■



A Bíblia, e as bíblias, de Neville



Conhecido por filmes adaptados da literatura e com um romance de estreia recém-lançado, o cineasta de 72 anos fala sobre os livros que fizeram sua cabeça ainda inquieta

OMAR GODOY

Durante 32 anos, Neville D'Almeida ocupou o posto de diretor mais visto do cinema brasileiro. Seu *A dama do loteamento* (1978), adaptado de uma história de Nelson Rodrigues, levou quase 7 milhões de pessoas às salas de exibição e só foi desbancado por *Tropa de Elite 2* (2010), de José Padilha, que teve 11 milhões de espectadores.

Um feito que o tirou do *underground* e abriu caminho para a realização de filmes como *Os sete gatinhos* (também inspirado em material rodrigueano), *Rio Babilônia* e *Matou a família e foi ao cinema* (remake da obra de Júlio Bressane) — todos marcados por protagonistas femininas e transgressoras.

Mas a longevidade desse recorde não foi suficiente para lhe garantir uma produção sistemática. Neville, que acabou de completar 72 anos, não filma desde 2005, quando finalizou o documentário de temática indígena *Maksuara* — *Crepúsculo dos deuses*, codirigido por Tamur Aimara. Seu último trabalho de ficção está ainda mais distante: *Navalha na carne*, versão da peça de Plínio Marcos, foi lançado em 1997. Ele ainda tenta emplacar *A frente fria que a chuva traz*, projeto baseado em texto de Mário Bortolotto, que ainda não saiu do papel.

Isso não significa que o cineasta tenha ficado quieto em sua casa na Ilha

“O meio é a mensagem é um livro que lançou todas as bases da comunicação moderna e antecipou a ideia da aldeia global. Mostrava que o motor tinha virado uma extensão do coração, que a roda tinha virado uma extensão do pé”

da Jogoia, considerada um pequeno paraíso escondido na Barra da Tijuca. Ele afirma que, nos últimos anos, produziu cerca de 120 filmes caseiros ou de baixíssimo orçamento, entre médias, curtas e micrometragens. Também retomou as atividades de fotógrafo e artista plástico (a instalação audiovisual *Tabamazônica*, inaugurada em 2009, chegou a viajar por algumas capitais e acabou rendendo o livro *Além cinema*, sobre sua trajetória).

A grande surpresa, no entanto, é

uma incursão no mundo literário. No final do ano passado, a editora Casa da Palavra, do empresário Ricardo Amaral, colocou no mercado seu primeiro romance (que também pode virar filme): *A dama da internet*, sobre uma mulher traída que empreende uma espécie de jornada sexual no universo virtual. “Mas não tem nada a ver com essa série que está fazendo sucesso, viu? Com esses livros que mostram uma mulher antiquada e submissa, seduzida às custas de um

“Talvez minha grande influência seja mesmo a Bíblia, que teve um grande impacto sobre mim e me deu um conhecimento da humanidade, da vida e da morte. Todas as histórias estão ali.”

aparato materialista de limusines, helicópteros e consumo de luxo”, diz, evitando comparações com o *best-seller 50 tons de cinza*.

Neville não sabe responder quem o influenciou na nova carreira de escritor. Em vez disso, enumera os principais autores que fizeram parte de sua formação cultural, intensificada a partir do final da década de 1950 ainda em Belo Horizonte, sua cidade natal. Uma lista que vai de Arthur Rimbaud a Friedrich Engels, passando por Pier Paolo Pasolini, Jack Kerouac, André Breton, Simone de Beauvoir, William Faulkner e Allen Ginsberg, entre vários outros que não caberiam neste espaço.

“Havia uma corrida, na nossa turma de teatro da Universidade Federal de Minas Gerais, para ler todos os livros considerados clássicos e fundamentais. Todo mundo tinha uma grande biblioteca em casa. E quem não tivesse lido Sartre, por exemplo, não era nada dentro do círculo de amigos”, conta o cineasta, que na época mergulhou com mais vontade na obra dos existencialistas. “O existencialismo representava a liberdade, uma nova proposta de vida nos campos espiritual, intelectual e político”, afirma.

Mais tarde, já nos anos 1970, Neville se interessou pelos conceitos apresentados em *O meio é a mensagem* (1967), clássico da comunicação e do design escrito por Marshall McLuhan



e ilustrado por Quentin Fiore. “É um livro que lançou todas as bases da comunicação moderna e antecipou a ideia da aldeia global. Mostrava que o motor tinha virado uma extensão do coração, que a roda tinha virado uma extensão do pé”, resume.

De lá para cá, o diretor segue incorporando autores ao rol de favoritos — mas ignora o que se convencionou chamar de produção contemporânea. “Não tenho preconceito contra nada, só não classifico as coisas desse jeito. Busco a qualidade onde ela estiver, e estou sempre esperando um novo livro do Zuenir Ventura, do João Ubaldo Ribeiro, do Silvano Santiago, do Mario Vargas Llosa.”

O que pouca gente sabe é que Neville D’Almeida lê a Bíblia diariamente, sempre às 10 horas da manhã. “Leio uma passagem, faço uma grande reflexão e me sinto apto para começar o dia”, revela. Criado numa família de metodistas, o cineasta afirma que conhece o livro sagrado de cabo a rabo, pois praticamente cresceu frequentando uma escola dominical. “Talvez minha grande influência seja mesmo a Bíblia, que teve um grande impacto sobre mim e me deu um conhecimento da humanidade, da vida e da morte. Todas as histórias estão ali.” ■

“Havia uma corrida, na nossa turma de teatro da UFMG, para ler todos os livros considerados clássicos e fundamentais. Todo mundo tinha uma grande biblioteca em casa. E quem não tivesse lido Sartre, por exemplo, não era nada dentro do círculo de amigos.”

TROPEÇO



Ilustração:
Theo Szczepanski



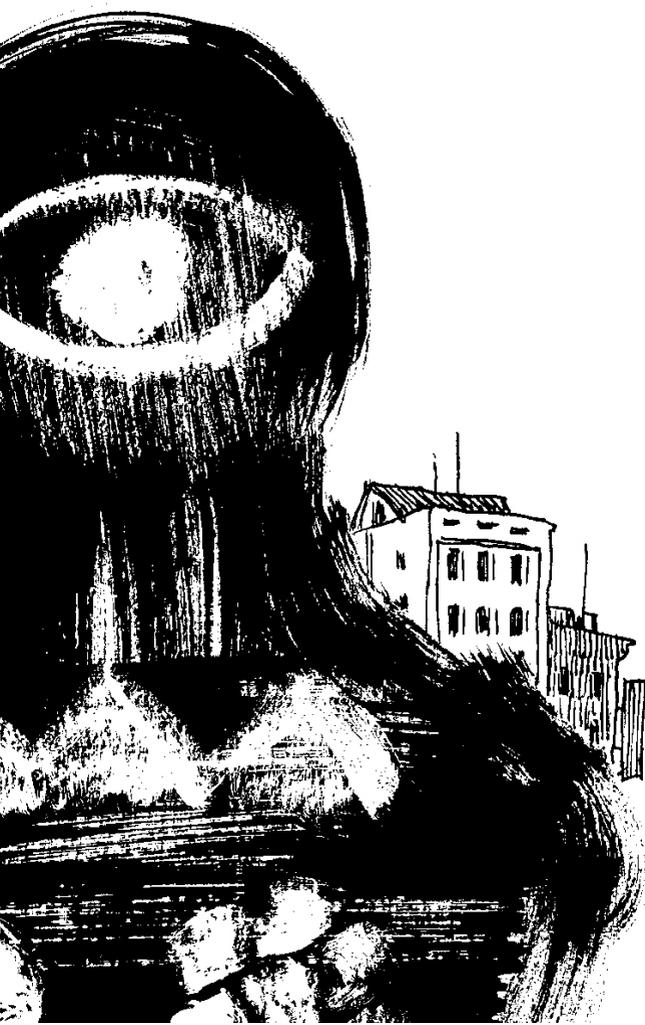
Chutando pedrinhas do frio anterior entro no bar. Escondo o cansaço da semana que mal acabou e já começa decidida a partir vagorosamente, como um aperto de mão que não acontece, e, que de tão leve, fica parado no ar. Quando pisquei pro lado do balcão, levei os dedos aos olhos que acabaram de acordar e que ainda teimavam em ficar fechados. Forcei-os para saber, entre o cheiro da cebola que começa a ferver, quem eram aquelas pessoas que eu nunca tinha visto por ali, vestindo o mesmo avental vermelho de sempre. Tive ímpeto de sair, mas antes olhei com cuidado para a porta da frente a fim de me certificar que não tinha entrado no lugar errado. As mesas estavam no meio do caminho de todos os dias, só não achei minha cadeira de frente para o balcão. O cinzeiro estava virado de ponta cabeça e uma mulher com os cabelos escondidos debaixo de um lenço amarelo: *pois, não?*

É incrível como a cidade foge aos nossos olhos. Assim, como quem não quer nada, faceira, imbuída de não compromissos de coisa alguma, nos prega peças a todo o momento. Ela se constrói, se remói para ficar em outra. Como em um baile com pares dançantes ou um céu de Münch, caminha, caminha para onde não se sabe. São situações como as que sempre aconteciam com minha avó quando ia à feira pela manhã, aqui ao lado: era só colocar os pés em casa para se lembrar que havia esquecido um qui-

lo disso ou daquilo na última barraca. E o pior é que quando chegava na frente do feirante via que esse tal esquecido estava no fundo da bolsa (já na cozinha). *Acho que escorregou.* É isso que digo. A cidade escorrega pelos dedos sem ser vista e cai no fundo de uma bolsa qualquer. Só é lembrada quando vamos jogar fora centenas de papéis antigos do velho guarda-roupa. Toneladas de lembranças, pouco a pouco, sem serem vistas. Apenas pisadas. Nesse dia acho que me dei conta de que Curitiba nunca foi. Nunca será. Ela apenas é. A cada cisco que pinga em seus olhos. E o pior é que, muito embora tenha me dado conta disso (ou me iludo com a conta), não consigo entender como é que, depois de cinco anos, ainda sinto ânsia de vômito ao passar pela mesma rua de sempre. Pelo mesmo cheiro que não é mais igual, nem a cor, que agora é invisível. Ou ainda como um prédio colocado ao lado da calçada que, pela primeira vez, me consumiu, desaparece quando estou por ali pensando com cinco anos de atraso. Realmente não vejo por onde. Apenas me impaciente pelas ruas e sinto o estômago arder. E foi. Sumiu. Era um lugar estranho ao costume de todas as segundas-feiras. Acordar ouvindo Whitesnake é como tomar um copo de café com amor. Mas sem me esquecer das gotas amargas de própolis: *evita o cheiro do resfriado.* Chegar ao bom lugar de cada dia, que nos dá o pão. Amassar a cara para todos, retorcer em sinal

de agradecimento e se virar como se acordado por horas sem estar cansado. Sim, meu caro, faz cinco anos que estendo o braço direito para o outro lado da cama e ele cai solto. Apenas o lençol desfeito. Moro apenas com rompantes de brevidade: o sofá amassado por seu corpo sempre em frente à TV, os pelos do cachorro em minha rinite incurável, a sandália de salto alto esperando pelas pernas torneadas e sempre tomando cuidado para desviar das palavras arremessadas contra a parede — espalhadas por cima de um Heitor dos Prazeres: *deixa a moça dançar, rapaz!* Isso ainda me causa dores no estômago. E pedras no rim, de frio de mais uma noite mal dormida. Assim começa sempre mais uma semana em uma cidade que não foi, nem será, apenas é. Os três primeiros tons movidos pela náusea da noite anterior, ainda esquecida por cima da cama e arrastada pelo quarto e sala. Pela janela o sino da igreja dando mostras de que ainda vestimos restos da província deixada de lado em frente à praça Rui Barbosa. E aqui, desse lado de cá, a vontade de Schopenhauer. Sempre em tom pastel. E tudo isso para falar do pastel. *Sim, um de carne e um de queijo, por favor.* Tosse. E não se esqueça do meu café-com-pouco-leite. Isso é apenas um espanto para o estômago. (Espanto de causar inveja aos outros, sim.) Gostava de ouvi-lo falar da vida de quando era do campo. Olhos sempre azuis, polaco. Quando sua mãe ainda lecionava para

EM BUSCA DE CURITIBA | CARLOS MACHADO



as quartas e primeiras séries na mesma sala com um quadro-negro sujo do barro da chuva de antes. Quando não se falava em mais nada a não ser em *quantas sacas de algodão?* Ele, ao lado dos irmãos mais novos, lia os quadrinhos de alguma história esquecida pelo filho do doutor. Tosse. Não se tinha notícias do barulho em tercina das buzinas de carros: era um som de cata-ventos que se via. Falava também de quando veio para Curitiba. Quando se rendeu à cidade que sorria provisoriamente à sua mãe. Veio para trabalhar no comércio. Apenas de relance. Depois iria estudar no Colégio Estadual do Paraná, Universidade Federal, tornaria-se médico como o da antiga casa, voltaria para o campo e cuidaria de sua pequena e esquecida cidade-memória. E da tosse. Mas se lembra sempre do dia em que se juntou ao óleo da fritura e que nunca mais parecia se separar. E assim foi a cada novo início da semana: um pouco de prosa para dar movimentação ao ser-estar dos verbos. Um cigarro sempre para fechar a conta e continuar ao lado por mais quarenta cortes na garganta. Eu estava ao lado da sensação de que valia a pena correr para o pastel e conversar com esse homem a cada novo dia. Sentia-me com expectativas. Tornou-se uma vontade incurável: uma noite péssima, falta de ar e lembranças, o despertador me dando ordens para ir ao banheiro, pegar os papéis do dia e sair para a rua. Entrar na pastelaria e me deparar com os dois olhos claros, cheios

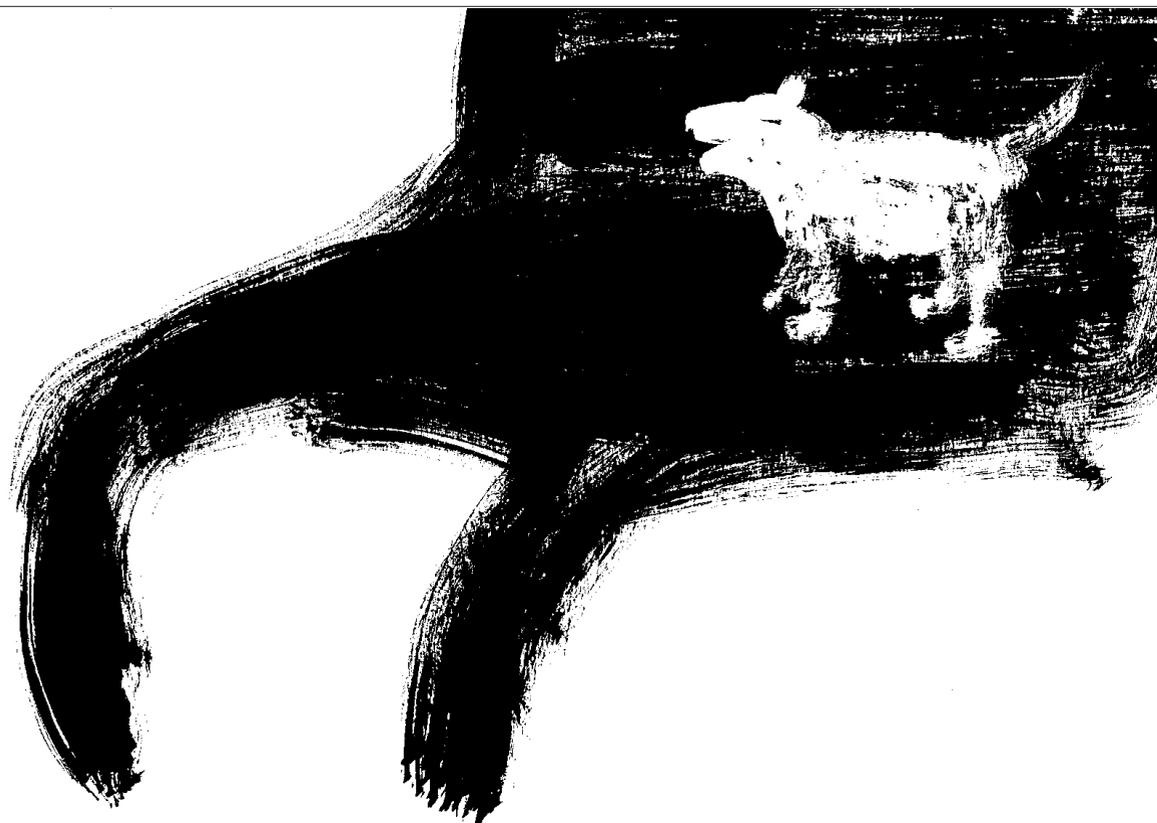
de palavras. Ternura. Aperto de mão demorado. Mas sempre vem o acaso. São segundos que se passam sem serem percebidos. Escapam pelos dedos. Desencroscam-se das unhas. Um dia qualquer e uma plaquinha que anunciava a venda. *Mas assim? Sem mais nem menos?* No fundo, ele (ou eu) acreditava que isso não fosse acontecer. Seria apenas uma vontade que ficaria por ali mesmo, até o fim. Qual fim? Ele queria se desfazer de uma vida que nunca quis e voltar para o que sua mãe tinha deixado para trás. Mas o tempo morreu. Morreram todos, aos poucos: veio para Curitiba com os irmãos, os pais. Um a um ficando pelo caminho, e ele na pastelaria. Da medicina tinha apenas o volume único de um livro antigo de anatomia, esquecido pelo filho do médico da infância. Muitas figuras. Nunca mais viu os pais, nunca mais ligou para os irmãos. Ficou apenas com fotografias e o cheiro. Decidiu que deveria quebrar a torneira do gás e nunca mais usá-la. Eu nunca tive certeza sobre sua solidão, mesmo conversando com ele todos os dias pela manhã. Nunca soube ao certo. Cansado. Fico com um gosto salgado na pele de saber que nunca mais o viria. Agora não posso mais ficar para o cafezinho e pigarro de cada dia, não sei mais do que se fala, como se fala. Se é que ainda fala. Apenas um pequeno fragmento de uma colcha de retalhos.

Não. Eu não sabia o que responder a essa moça. Um cafezinho para es-

quentar Curitiba? Não, acho melhor apenas dar as costas e voltar. *Mas assim? Sem dizer a que veio?* Lógico, ela está atrás de um balcão, deve estar acostumada com todo tipo de cliente. Está acostumada? Desde quando? E só se passaram dois dias do último aceno que ele me deu parado no sinaleiro. De uma hora para outra. Agora, pensando com cuidado, me lembro que quando acelerei o carro, parecia me dizer que não estaria entre a gordura na segunda-feira. *Vende-se.* Foi tão sutil que acreditei estar me falando que nos viríamos na próxima segunda. E, com mais apuro ainda, posso vê-lo de costas arrumando os óculos e tossindo. *Doutor, tem cura? Desde quando tem dificuldades com a vista?* Não serei mais como nos outros começos de semana: *serei como os meus domingos.* Será que isso eu disse à mulher parada na minha frente, esperando por uma resposta? Talvez eu tenha pedido o jornal — ou a minha cara estava dizendo que só vim para ler as notícias. Ela me alcançou a Gazeta e disse que o café tinha acabado. *Pode ser leite puro?*

Sentado na frente de meu computador, olho em direção à sacada para um pequeno vão de Curitiba. Escuto a vista. Todos sons em surdinas de gritos. Apenas os de despedida: *tchau, cara de mal. Até mais, Rabelais. Adeus, Mateus.* Contornos de cinza com o céu ao lado da Serra do Mar. Olho no espelho que tenho na parede da sala: tem uma casca de feijão no dente da frente.

Tosse. ■



 **Carlos Machado** nasceu em Curitiba (PR), em 1977. É músico, compositor, escritor e professor de literatura brasileira. Lançou os CDs *Tendêu* (2008), *Samba portátil* (2010) e *Longe* (2012). É autor dos contos de *A voz do outro* e *Nós da província: Diálogos com o carbono* e dos romances *Balada de uma retina sul-americana* e *Poeira fria*. Vive em Curitiba (PR).



MAKING OF

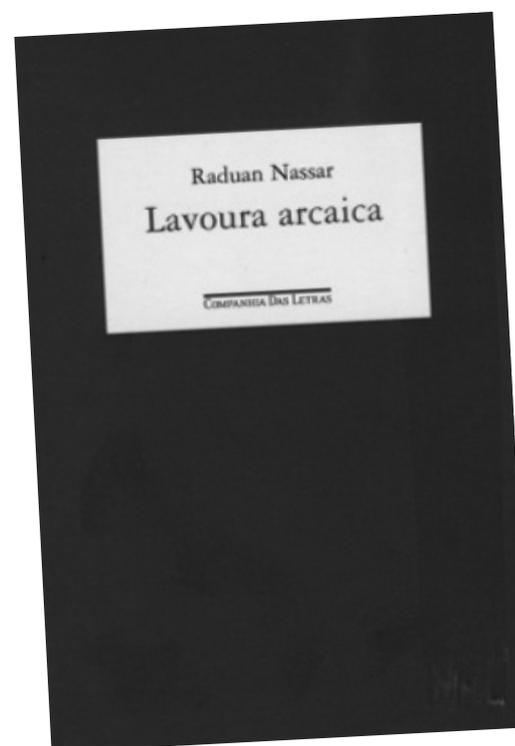
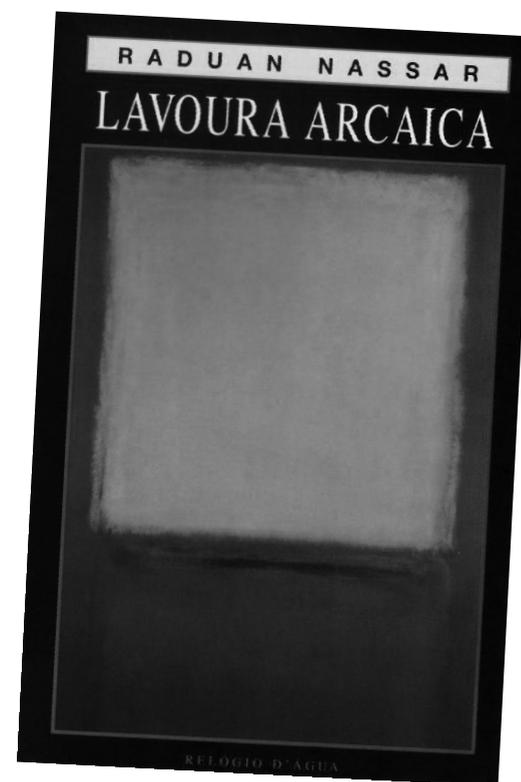
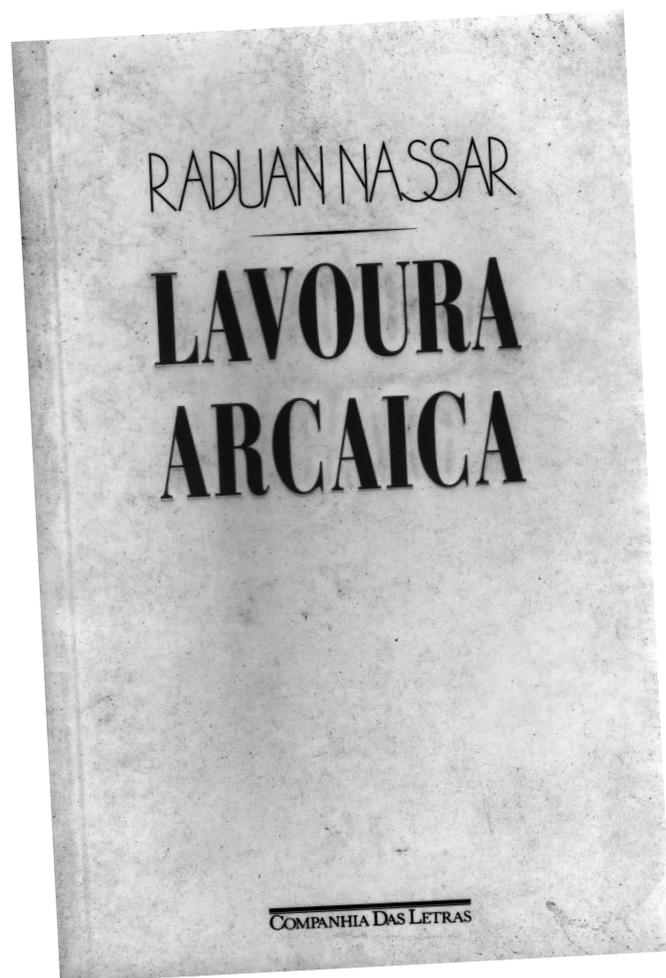
O resgate de *Lavoura arcaica*

Clássico da literatura contemporânea, *Lavoura arcaica* foi lançado em 1975 sem grande alarde. A ressurreição do livro viria mais de uma década depois, na terceira reedição, em 1989

FABIO SILVESTRE CARDOSO

Raduan Nassar escreveu, na década de 1970, o livro *Lavoura arcaica*. Desde então, a obra permanece no imaginário da crítica como um dos principais romances da literatura brasileira, presente na maioria das antologias do gênero quando se trata de destacar a qualidade estética ou mesmo a ideia de vanguarda que muitas vezes está intrinsecamente ligada à obra de arte. Tãmanha reputação, no entanto, não foi garantia para que o livro do escritor nascido em Pindorama, interior de São Paulo, tivesse êxito editorial na década subsequente à sua publicação. Na verdade, a história tem requintes de ficção.

Tudo isso porque, nos anos 1980, década posterior ao lançamento de *Lavoura arcaica*, a obra caiu numa espécie de limbo editorial, permanecendo na garagem de Raduan Nassar por muitos anos. Quem conta parte



dessa história quase fantástica é o escritor Milton Hatoum. “Certa vez, Raduan me contou que tinha dezenas de exemplares do *Lavoura arcaica* na casa dele. Um dia ele ficou de saco cheio e deu todos esses livros”, lembra o autor de *Dois irmãos*. Se é verdade que para muitos autores o encalhe é parte integrante das contingências do mer-

cado editorial, também seria correto assinalar que, em casos como o de talentos reconhecidos como Raduan Nassar, esse processo fosse um pouco diferente. Não foi o caso.

Nas palavras da crítica literária da Universidade de São Paulo, Leyla Perrone-Moisés, autora de um dos primeiros textos analíticos sobre o romance, o fato de a obra ter permanecido na garagem do autor, embora tivesse sido um sucesso de crítica nos anos 1970, não chega a ser novidade ou mesmo inexplicável. “Acho que é natural o fato de um livro ser provisoriamente esquecido, afinal as editoras vivem de novidades”, diz Perrone-Moisés. De qualquer modo, a autora de *Altas literaturas* observa que o livro não foi abandonado pelos críticos. “Havia debates sobre o livro e ele já estava, de certa forma, canonizado. Não demorou muito para ele ser notado pelos leitores franceses, especialmente Alice Raillard, que o traduziu para a editora Gallimard nos anos 1980.”

De sua parte, Raduan Nassar pareceu sempre alheio e desconfiado em relação à análise dos críticos. Ao *Cadernos de Literatura Brasileira*, em uma de suas raras e mais contundentes entrevistas já concedidas (o autor é notoriamente conhecido pela sua reserva no trato com a imprensa quando se trata de discussão de temas literários), ele observa, fazendo coro à afirmação do crítico português Eduardo Lourenço, para quem “não é o crítico que julga a obra, mas a obra é que julga o crítico”.

Boutade ou não, a avaliação de Nassar parece travar um bom diálogo com a primeira análise de Leyla Perrone-Moisés sobre o livro do escritor paulista. “Publiquei meu primeiro artigo sobre *Lavoura arcaica* na revista portuguesa *Colóquio Letras*, em julho de 1977. E eu começava aquele artigo dizendo que o romance de Raduan Nassar havia logo obtido um êxito de estima entre os intelectuais, mas que

ainda era pouco comentado pelos críticos”, recorda a professora emérita da Universidade de São Paulo (USP).

Já para Milton Hatoum, o fato de o livro ter sumido do mapa pode estar vinculado à maneira como a obra foi trabalhada do ponto de vista editorial. “Cada livro faz a sua história. Esse texto difícil, com uma força poética extraordinária, foi publicado durante a ditadura. Acho que o público estava mais atento a questões explicitamente políticas, à literatura da violência, a um tipo de jornalismo adaptado, que pretende ser ficção. Além disso, talvez não tenha sido bem trabalhado editorialmente”, observa o autor de *Cinzas do norte*.

Redescoberta

A retomada do livro acontece em 1989. Tudo isso porque, embora o livro já tivesse alcançado duas edições — a primeira em 1975, pela editora José Olympio, no Rio de Janeiro; a segunda em 1982, pela Nova Fronteira, também do Rio de Janeiro —, foi com a terceira vinda, desta vez pela Companhia das Letras, que a obra retomou seu sucesso de estima e conquistou espaço definitivo no panteão das grandes narrativas da literatura brasileira do século XX.

Em sua coluna no *blog* da Companhia das Letras, o editor Luiz Schwarcz revelou uma conversa que teve com Raduan Nassar. Nela, afirmou ao escritor que em três décadas dedicadas à literatura, não editou livros melhores do que os do autor de *Lavoura arcaica*. Já o romancista, por sua vez, afirmou que jamais iria esquecer de quando o editor apostou nele, Raduan, no momento em que estava esquecido.

“A reedição do livro pela Companhia das Letras foi a confirmação da fama que o livro já tinha entre os especialistas”, comenta Leyla Perrone-Moisés. Ela acrescenta, ainda, que o fato de o autor ter abandonado a literatura, depois de dois livros excepcionais, contribuiu para houvesse ainda mais interesse do público. Es-

tabeleceu-se um paradoxo curioso, observa a crítica, quanto mais Raduan insistia em se esconder, mais ele aparecia.

O abandono de Raduan Nassar para com a literatura é desses eventos que podem ser classificados como mais inventivos do que a própria ficção. Tudo isso porque, depois de ter publicado *Lavoura arcaica* e *Um copo de cólera*, Raduan concedeu algumas poucas entrevistas e afirmou, acima de tudo, que a literatura já não tinha para ele a menor importância. Os únicos momentos em que o autor quebrou o silêncio, da década de 1990 para cá, aconteceu na consistente e reveladora entrevista concedida ao *Cadernos de Literatura Brasileira*, editado pelo Instituto Moreira Salles, em 1996; e num longo perfil assinado pelo jornalista Rafael Cariello publicado em 2012 pela revista *Piauí*.

A tônica desses depoimentos, no entanto, sempre é a mesma, a saber: a tentativa de escapar da conversa sobre literatura, como se esse fosse um assunto para ele demasiado aborrecido. Isso não quer dizer que o autor não tenha ideia consolidada sobre o significado de seu fazer literário; antes, representa uma manifestação, à maneira do personagem de Herman Melville (*Batlerby, o escrivão*), de preferir não tratar desse tema, deixando os leitores à espera de uma resposta para a pergunta: mas afinal, por que ele deixou de escrever?

Importância do estilo

Enquanto essa resposta não vem, nos momentos em que abriu a guarda para falar de literatura, é possível identificar elementos que mostrem de que maneira o estilo desse autor se confunde com o próprio ideal que ele possui de literatura. Assim, na já citada entrevista ao *Cadernos de Literatura Brasileira*, o escritor afirma acreditar que a boa prosa sempre tenha sido poética e, mais adiante, complementa, dizendo que a literatura que lhe faz a cabeça é exata-

mente aquela que possui algum tipo de vibração.

Com efeito, é uma espécie de vaticínio para o leitor de primeira viagem do livro. Como sinaliza Milton Hatoum: “*Lavoura arcaica* aborda um drama familiar, mas também aponta para outras questões, pois a linguagem e os temas estão em sintonia nesse belo romance, que remonta a certas passagens bíblicas e corânicas. É um tema-tabu, o incesto, trabalhado com muito talento”.

Além de destacar os aspectos temáticos da obra, com suas ressonâncias bíblicas e islâmicas, Leyla Perrone-Moisés também salienta o estilo de Raduan Nassar: “Acho, pois, que o romance me espantou mais por seu estilo do que pela narrativa. Mas já estava clara, para mim, a importância da obra”, recorda.

Ao comentar o processo de composição do livro, Raduan Nassar, novamente em depoimento ao *Cadernos de Literatura Brasileira*, observa que a obra demandou oito meses para a sua elaboração. De acordo com as palavras do autor: “(...) tentava um romance numa linha bem objetiva. Só que em certo capítulo um dos personagens começou a falar em primeira pessoa, numa linguagem atropelada, meio delirante, e onde a família se insinuava como tema. Tudo isso implodia o meu esqueminha de romance objetivo”. A solução, para esse impasse, se deu de forma aparentemente simples: “transformei um velho, que ouvia aquela fala delirante, em irmão mais velho do personagem que falava, e foi aí que começou a surgir o *Lavoura arcaica*.”

Em 2001, essa narrativa a um só tempo singular e inovadora foi levada ao cinema, em um trabalho de adaptação assinado pelo cineasta Luiz Fernando Carvalho. Na avaliação de Milton Hatoum, a produção colaborou para sublinhar a importância do romance. “A belíssima adaptação do Luiz Fernando Carvalho foi bastante premiada e isso certamente ajudou a divulgar a obra.” ■

Estefania é difícil de rir, também de chorar. Pode fingir pela boca, mas o olhar continua como ônix. Negro, fundo, lapidado e brilhante. Brilho sempre natural, e sempre frio pela manhã. Insensível, inexpressivo. Levanta da cama cantarolando Chico Buarque. Ele e qualquer tom menor. Notas tristes que a acompanham até o banheiro. Espelho sentindo nada, quase retrato em branco e preto: foto armada na época dos avós. Que falta ela sente da avó; saudade, quanto tempo, é o pior castigo. No banho escorre toda a noite de sonhos — todo o sentimento — e à deriva, por inércia, está pronta para seu velho cotidiano. Sempre igual, todo dia. Camila acorda com sorriso comprimido, derramando um olhar gostoso por onde passa. Abre as cortinas e, à luz do romantismo, dá bom dia para as plantas, pássaros; para sol e chuva, não importa. No calor, usa leques como se nascida em terras espanholas. Quando as nuvens escurecem o céu, abriga-se em guarda-chuva, marquises, da forma que puder, alguns pingos não fazem mal. Pode ser temporal, pode ser a gota d'água — Estefania mantém o rosto de cera, de boneca. Ódio nem lhe passa pela cabeça. Tem suas crenças, talvez não, ouviu dizer que Deus dará qualquer coisa pela frente. Boa, ruim, mas ódio nunca lhe passa pela cabeça. Caminham para o trabalho com escuros olhos preciosos, salpicados de mel, derramando tudo e nada. Estefania vai em ritmo de valsinha, mas só melodia, sem letra. Camila, cheia de vida, repete baixinho uma canção. Apenas por achar os versos bonitos.

Soy un vaso vacío.

E sobe vários lances de escada. O elevador, tal qual Estefania toma quarteirões adiante, nunca. Nem avião aterriza tanto. Camila adora o exercício, degrau-a-degrau, mas é segredo. Não conta a ninguém: Estou cansada, que

dureza, que calor. E os olhos desmentindo: rindo, rindo. Estefania passa a manhã com sorrisos esporádicos, um aqui, outro lá. Gosta de sinceridade e gente, mas só de gente sincera. Seus olhos frios pegam fogo em um piscar, congelam em outro. Mesmo assim, imensas nuances parecem sutis, tanto lhe caem bem. Esporadicamente, Camila chora. Contudo, seus olhos cheios de lágrimas secam como se o sol, de repente, entrasse inteiro ali. E são logo preenchidos diferente, com emoções além dos dicionários. Luz, amor, desvão, vida. Nem os autores românticos poderiam descrever. Um olhar que dá vontade de estampar em todo mundo, na cidade inteira. A cidade tem um pouco de Copacabana para Estefania. Ilusão. Pois Curitiba retorna triste, voraz, em um instante. Ninguém vai chegar do mar. E voltam também o trabalho, os textos. Se, por ventura, desvia a atenção para fora, finge ver a infância carioca. Almoçam por perto, sonhando, sorrindo, sonhando; belíssimas. A alegria fugaz de Estefania aparece mais frequente, e mais. Ondas que vão e vem, ela quase pode senti-las sob a mesa, dentro do prato, da alma. E o trabalho volta; burocracia, textos. Camila recorda-se da infância: é o mesmo bairro de antes, mesmo após anos. E chora, esporadicamente, um mar que vem e vai. A noite cresce, expande; fim de expediente. Os pés alcançam a calçada, rua, para casa. Estefania vai andando. Camila mantém o êxtase, poderia ser escrita por Goethe (menos os olhos). Melhor por Bécquer (quando apaixonado), como se nascida em terras espanholas. Alegria-se com a lua, com a chuva, qualquer coisa vale. Com a noite, Estefania vai andando e lembrando, revivendo, crescendo. Abre a janela por onde o tempo não passou: a janela do peito. E dança.

Vai passar, nessa avenida o samba popular.

A VIDA DOS OUTROS

Ilustração:
Dalts

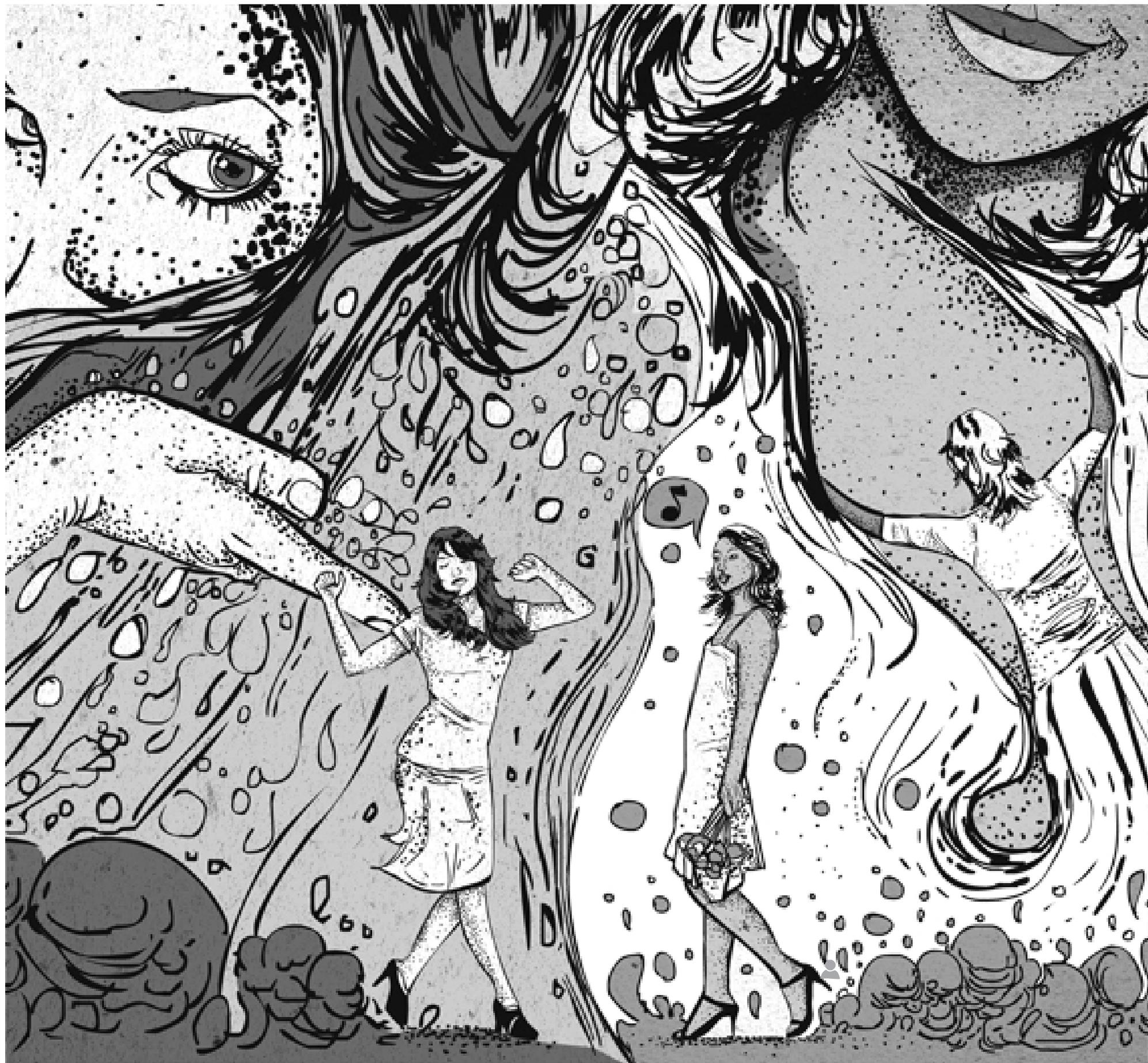
Estefania transborda, como se o samba inteiro passasse nela, fosse ela. E ri o olhar mais bonito de todos. Em um piscar, seus olhos quentes congelam, mas em outro pegam fogo novamente. E ela vai dançando. Camila está feliz, plena. Repete baixinho algum verso em espanhol que acha bonito. Sussurram como oração na catedral. Com a brisa, Estefania — na caixinha, um samba antigo, o samba do grande amor — caminha de volta para casa, lentamente. Com lua cheia (como ela) sobre ondas, Copacabana aos pés, tão real. Tira os sapatos, sente a areia e vai

feliz da vida, beira-mar.

Eu esperava sob qualquer marquise. Esperava qualquer coisa, qualquer história, com os olhos amargos de sempre. Uma vinha de cá, outra de lá. Como espelhos; uma única mulher de brilhantes olhos escuros, ônix salpicado de mel. Iguais, mas opostas. Dois espelhos opostos são suficientes para criar um labirinto, li em Borges. E eu ali, estático, extático, no meio de algo complexo: um denso labirinto que traço a traço se completa — espelhos que talvez nunca saibam disto — e eu sabia que estava perdido para sempre.



Felipe Franco Munhoz nasceu em São Paulo, em 1990. É graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Paraná. Em 2010, recebeu uma Bolsa Funarte de Criação Literária para escrever — em tempo integral — o romance *Mentiras*, inspirado na obra de Philip Roth. Vive em São Paulo (SP).





A visibilidade de um mestre da ficção



Jamil Snege recusou caminhos fáceis, evitou o toma lá, dá cá do meio editorial e disse mais não do que sim. Acima de tudo, escreveu o que quis, publicou do jeito que queria e assinalou o seu nome na história da literatura brasileira

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Jamil Snege saiu de cena há uma década. O escritor curitibano faleceu em 16 de maio de 2003 e, desde então, seus livros nunca mais foram publicados. Apesar disso, o legado literário do Turco, como ele era chamado pelos amigos, é cada vez mais discutido e cultuado. O escritor mato-grossense radicado em São Paulo Joca Terron é um admirador de Snege, para ele, “um autor original que realizou obra de grande qualidade, embora esparsa e breve”.

Autoeditados ou viabilizados pela editora curitibana Travessa dos Editores, os livros de Snege nunca tiveram ampla distribuição nacional, apesar disso, atingiram leitores, como é o caso de Terron. “A primeira vez que ouvi falar de Jamil foi através dele mesmo, em uma entrevista ao *Nicolau* [jornal publicado pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná na década de 1990], na época do lançamento de *O jardim, a tempestade*. O impacto foi grande, a surpresa idem”, lembra o escritor que acaba de publicar o romance *A tristeza extraordinária do leopardo-das-neves*.

Em seguida, como costuma acontecer na divulgação da obra de Snege, o boca-a-boca despertou o interesse. Amigos, escritores atentos e curiosos, também fariam com que a ficção do curitibano chegasse até as mãos de Terron.

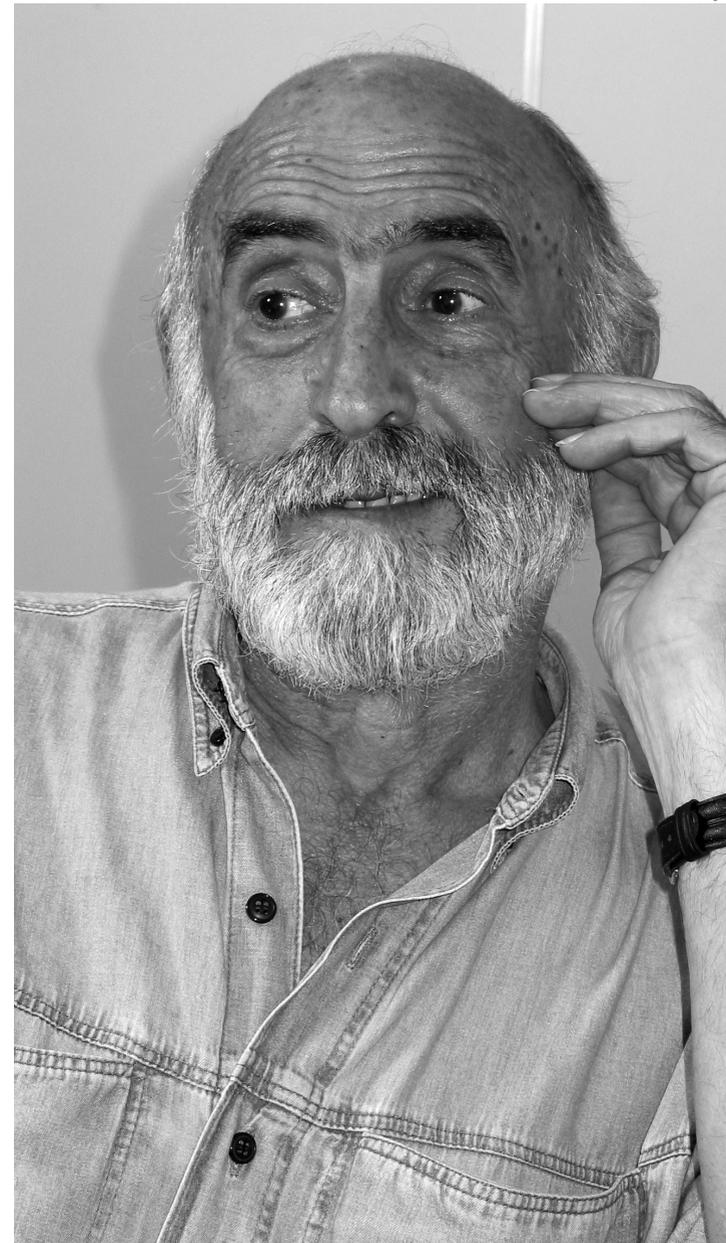
“Primeiro, o Nelson de Oliveira [que hoje se apresenta como Luiz Bras] me presenteou com a primeira edição de *O jardim, a tempestade*. Depois, o Marçal Aquino me recomendou *Viver é prejudicial à saúde*, que encomendei ao Manoel Carlos Karam, que me enviou exemplar autografado pelo Jamil, a quem acabei conhecendo pessoalmente no lançamento de *Meu sétimo dia*, apresentado por Valêncio Xavier”, conta Terron.

Os livros de Snege mencionados no parágrafo anterior são dois dos pontos altos do percurso do autor. *O jardim, a tempestade* (1989) traz prosa que é poesia e também se apresenta como algo indefinível, talvez um híbrido literário. Já a novela *Viver é prejudicial à saúde* (1998), para muitos uma obra-prima, mostra — por meio de um texto fluente, com humor e palavras precisas — a desilusão de um sujeito com o mundo. Terron lê e relê continuamente essa obra, a respeito da qual afirma o seguinte: “Na realidade, o cara [o narrador] é um *loser* meio malandro que vive das sobras alheias. No entanto, o autor exibe incrível piedade de seu personagem, quem sabe seu alter-ego, presenteando-o com a possibilidade de um final feliz. Tudo isso com o máximo da economia de recursos”.

Economia de linguagem. Sentido de absurdo. Domínio absoluto da língua, do sarcasmo, da autoironia. Eis algumas

“ Uma das coisas que o dinheiro realmente pode comprar é a ilusão de que sem ele a vida é impossível — ou indigna, pelo menos. Nunca amealhei, e se há pessoas que admiro, essas têm mãos furadas. Amo os estroinas e os dissipadores. Encanta-me a generosidade, o dom de repartir.”

Jamil Snege



Daniel Snege

“Amei os trôpegos, aqueles cuja insânia acende uma auréola violácea sobre suas pobres cabeças. Amei o que a natureza fez torto e a sociedade entortou mais ainda.”
Eis a profissão de fé de Jamil Snege.

Daniel Snege



"As grandes emoções de minha vida vivi-as sem um putso tostão – e não há felicidade, por mais barato que a possamos comprar, que não nos custe infinitamente caro. O que é bom vem de graça – e sempre será assim", escreveu Jamil Snege.

das características presentes na ficção de Snege — observa Terron — que podem seduzir os leitores. Ele acrescenta ainda que o escritor curitibano praticou um realismo que nunca desdenhou a imaginação. "Snege foi um autor idiossincrático à beira da excentricidade, como quase tudo que sai de Curitiba."

Invadindo a academia

Outros escritores que residem em São Paulo, além de Terron, também leem a ficção de Snege. Quando a Companhia das Letras lançou o selo Má Companhia, o escritor Marçal Aquino concedeu entrevista à *Folha de S. Paulo* comentando a reedição de seu livro *O invasor*. Na reportagem, publicada dia 26 de março de 2011, Aquino afirmou que Jamil Snege figurava entre os autores que estariam cotados para ter obras publicadas pelo projeto que, em tese, teria a finalidade de abrir espaço para "livros únicos, malditos, que marcaram época e depois sumiram". Marcelino Freire e Ronaldo Bressane não escondem de ninguém que são admiradores da literatura do Turco.

Além desses prosadores, aos poucos, a obra de Snege invade o universo acadêmico. Júlio Bernardo Machinski é autor do primeiro projeto de mestrado a respeito do legado snege-niano. Ele elaborou e defendeu a dissertação *Como ele se fez por si mesmo* em setembro de 2005 na Universidade Fe-

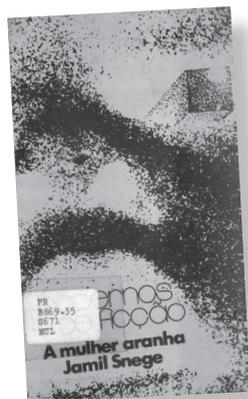
“Viver é prejudicial à saúde me parece um exemplo perfeito para definir esse gênero indefinível por excelência que é a novela. É poderosamente alusiva, o narrador é polimorfo, meio perverso, nada fica em pé sob seu olhar nem ele mesmo, mas tudo não passa de ‘cosa mentale’”.

Joca Terron

deral de Santa Catarina (UFSC). Machinski soube da existência da obra do prosador curitibano por meio de uma entrevista que o autor concedeu ao jornalista Ricardo Sabbag — conteúdo publicado nas páginas da Revista *Cult* no final de 2002. Não demorou e o livro *Como eu se fiz por si mesmo* (1994) estava diante dos olhos do estudante. "Não consegui parar de ler até chegar à última página. Encantou-me o jeito irreverente e a habilidade daquele narrador irônico ao encadear os episódios de sua trajetória pessoal e profissional, sem nenhuma espécie de autopiedade



Tempo sujo.
Curitiba, Escala,
1968. (Novela)



A mulher aranha.
Curitiba, Hoje,
1972. (Contos)



Ficção onívora.
Curitiba, edição do
autor, 1978. (Contos)

ou máscara”, analisa Machinski.

A visão de mundo de Snege que, no entendimento de Machinski, questionava-se o tempo todo a respeito das opiniões formadas sobre as diversas questões que cercam a vida, merece atenção. “O que distingue a literatura de Snege, da praticada por outros escritores brasileiros de sua época, além da forma pessoal e autônoma com que geriu sua obra, financiando ele próprio suas edições e recusando os apelos da mídia, é — justamente — a ausência de autocomiseração e a retirada consciente de autoridade da voz narrativa, revelando-se ao leitor como seu cúmplice na grandeza e miséria humanas”, diz Machinski, completando que, em meio ao legado do autor, o exercício do saber rir de si próprio ficou como lição maior.

Não se deixou rotular

A jornalista e diretora da Revista *Cult*, Daysi Bregantini, considera o Turco um dos melhores escritores brasileiros devido à sua literatura “sofisticada, detalhista, irônica e sincera”. No entanto, questionada a respeito de quem seriam os autores com quem Snege dialogou literariamente, a situação se complica. “Não sei responder. Não o comparo a ninguém”, afirma Daysi. Joca Terron também não aponta os nomes que poderiam ter influenciado o escritor curitibano. “Não saberia dizer. Creio que todo autor que faça jus a esse nome

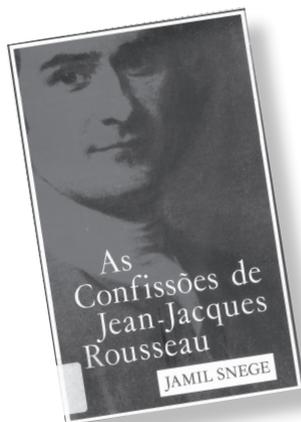
carrega consigo alto grau de originalidade”, diz Terron.

Já o escritor carioca radicado em Curitiba Otto Leopoldo Winck acredita que o diálogo que Jamil Snege estabelece é com o *Bildungsroman*, isto é, com o chamado romance de formação. “*Tempo sujo*, sua primeira novela, é uma espécie de *Retrato do artista quando jovem*, de James Joyce, em uma Curitiba hiperprovinciana, em plena barra da ditadura militar e ao mesmo tempo da ebulição política e cultural, cujo epicentro foi o ano de 1968”, argumenta Winck, que desenvolveu dissertação de mestrado sobre o assunto na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Júlio Bernardo Machinski identifica inúmeros interlocutores com quem Snege dialogou. “Devido à significativa aproximação com a imprensa e a publicidade, penso que Jamil dialoga mais de perto com os diversos cronistas brasileiros modernos que souberam mesclar leveza, humor e lirismo em suas observações do cotidiano, como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga e Carlos Heitor Cony”, comenta. O autor da dissertação *Como ele se fez por si mesmo* acrescenta Millôr Fernandes, Luis Fernando Verissimo, Dalton Trevisan, Oswald de Andrade, Lima Barreto, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Rubem Fonseca e uma lista quase sem fim de autores, e suas respectivas obras, que ecoam

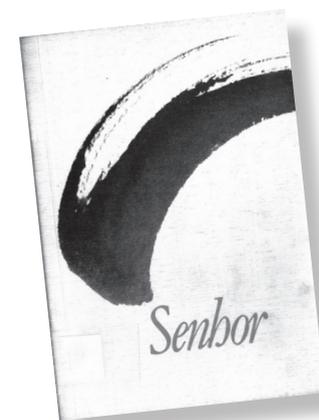
“ Conversamos algumas vezes e em nossa última conversa (não me lembro o ano) ele já estava doente, mas continuava fumando. Disse que ‘o médico havia liberado 10 cigarros por dia’. Ele era generoso, educado e muito fiel a seu projeto editorial”.

Daysi Bregantini



As confissões de Jean Jacques Rousseau. Curitiba, edição do autor, 1982. (Teatro)

Para uma sociologia das práticas simbólicas. Curitiba, edição do autor, 1985. (Ensaio)



Senhor. Curitiba, edição do autor, 1989. (Poesia)

Arquivo da família



nas linhas e entrelinhas snegenianas.

Winck concorda com as observações de Machinski, e diz: “Jamil bebeu nos principais clássicos da literatura nacional e mundial, pois ele sempre foi um grande e onívoro leitor”. O escritor e acadêmico também destaca a versatilidade de Snege, que transitou por vários gêneros sem parecer forçado ou artificial. Em 1982, apareceu o texto de teatro *As confissões de Jean Jacques Rousseau*. Três anos depois, o Turco surgiria com o ensaio *Para uma sociologia de práticas simbólicas*. O livro de contos *A mulher aranha* circulou em 1972. *Senhor*, de poesia, sur-

ge em 1989. “Ele [Snege] vai do cômico ao grotesco, do trágico ao patético, do poético ao escatológico com uma destreza que oculta as marcas do trabalho, não mostrando ‘na fábrica o suplício do mestre’, para citar Bilac”, comenta Winck.

Teses e provocações

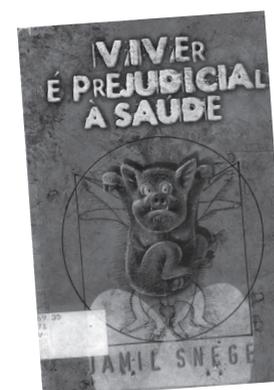
Snege elaborou teses. Uma das mais conhecidas aparece na crônica “Como tornar-se invisível em Curitiba”. O Turco abre o texto com ironia, brincando que o candidato à invisibilidade na capital do Paraná “pode começar treinando numa dessas manhãs de muita nebli-

na, à margem de um lago ou num bairro bem afastado do centro da cidade”. Ele enumera algumas ações que o sujeito pode realizar, para em seguida revelar que há uma condição infalível: possuir talento genuíno. “Estudar bastante também ajuda, mas não substitui aquele toque de gênio inconfundível que marca e distingue certas pessoas desde o berço”. A crônica, que empresta o título a uma coletânea publicada no ano 2000, foi uma entre tantas estratégias que ele encontrou para falar da vida em Curitiba — neste texto em especial, da falta de reconhecimento dos curitibanos pelos curitibanos.



O jardim, a tempestade. Curitiba, edição do autor, 1989. (Prosa poética)

Como eu se fiz por si mesmo. Curitiba, Travessa dos Editores, 1994. (Memória)

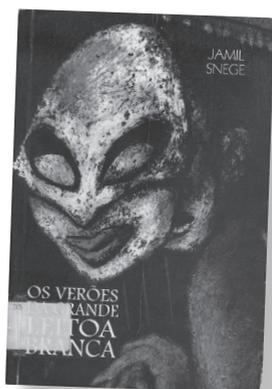


Viver é prejudicial à saúde. Curitiba, edição do autor, 1998. (Novela)

O escritor paulista Nelson de Oliveira cita outra crônica de Snege: “A arte de tocar piano de borracha”. “Nela, Jamil tomava as dores da literatura paranaense e lançava um desafio: se comprometia a escrever uma obra-prima no prazo de um ano, se uma instituição qualquer lhe oferecesse uma bolsa que lhe permitisse sobreviver nesse período. Provocação genial”, elogia Oliveira, doutor em Letras pela USP, autor de mais de vinte livros, entre os quais o romance *O oitavo dia da semana*.

Wilson Martins (1921-2010) acompanhou o percurso literário de Snege e escreveu textos a respeito de várias das obras do autor. O crítico não deixou de observar que o Turco se voltou contra a capital paranaense na crônica “Como tornar-se invisível em Curitiba” — “Jamil Snege é às vezes movido por um espírito de vingança contra ela [a capital do Paraná]”. Mas é na crítica “A volta do conto”, publicada dia 25 de março de 2000, que Martins faz a leitura mais aguda sobre a literatura do escritor, no caso, a coletânea de contos *Os verões da grande leitoa branca*. O crítico detalha características dos contos — “são, em geral, curtos, centrados num episódio único, sem alusões derivativas” — e, como desfecho, define Jamil Snege como o mestre da paródia: “Espírito antimansfieldiano, à vontade na sátira e no sarcasmo, e isso porque muito ama a literatura”. ■

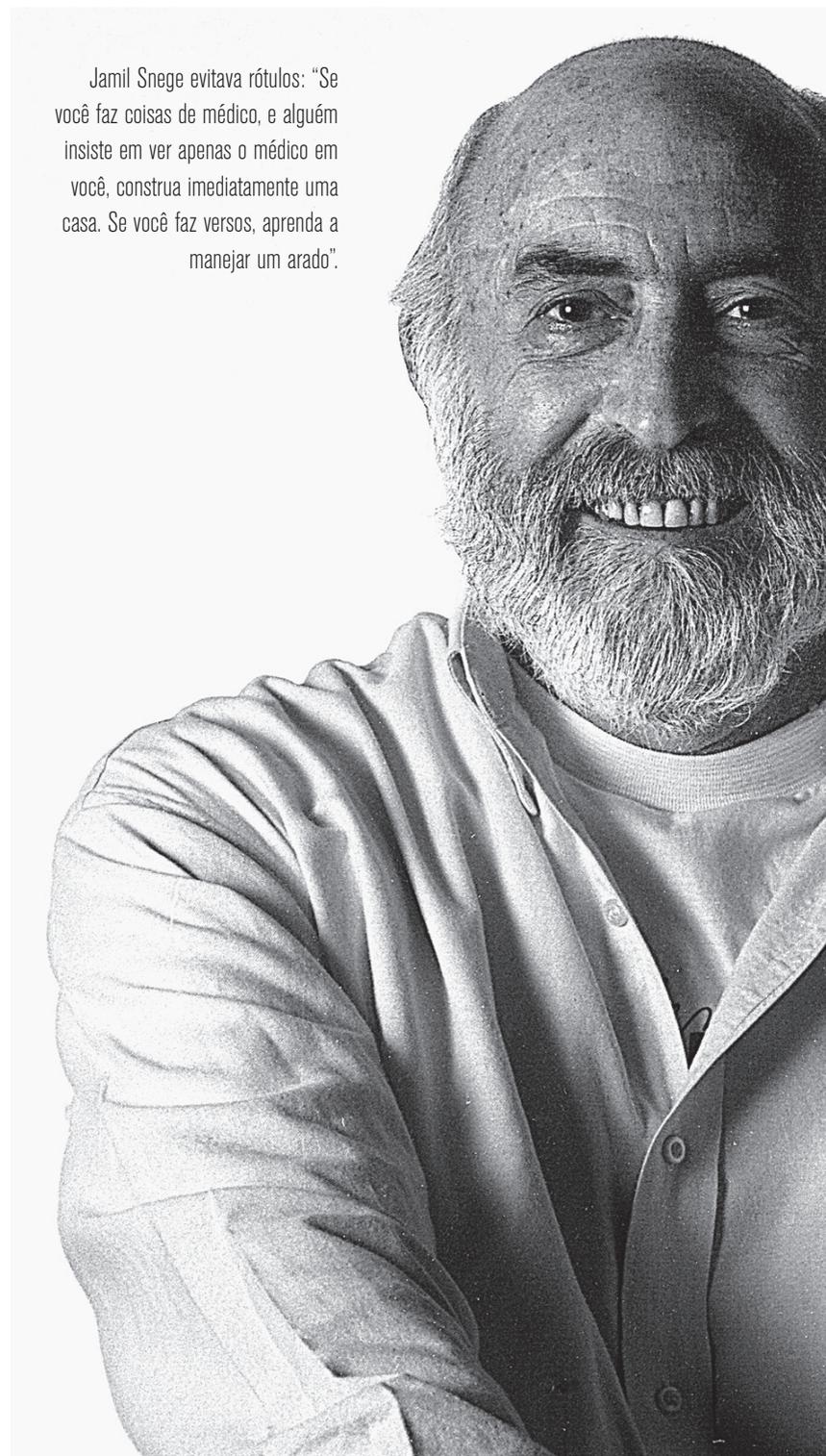
Os verões da grande leitoa branca. Curitiba, Travessa dos Editores, 2000. (Contos)



Como tornar-se invisível em Curitiba. Curitiba, Criar Edições, 2000. (Crônica)

Daniel Snege

Jamil Snege evitava rótulos: “Se você faz coisas de médico, e alguém insiste em ver apenas o médico em você, construa imediatamente uma casa. Se você faz versos, aprenda a manejar um arado”.



Jamil Snege ou escrever bem não tem contraindicações

ERNANI SSÓ

Esses tempos recebi um livro pelo correio com uma ficha que eu deveria preencher para ser o feliz comprador de mais duzentos e cinquenta exemplares. Digo feliz porque a sugestão era que eu doasse esses duzentos e cinquenta exemplares para os amigos. Uma pessoa com duzentos e cinquenta amigos tem de ser feliz, não? Ter duzentos e cinquenta amigos deve ser melhor do que ter um harém. Infelizmente para mim e para o autor, eu não tenho tantos amigos nem a grana necessária para manter em dia a leitura deles, sem falar que não consegui ultrapassar a primeira página do livro, mesmo impressionado com o quilo de resenhas favoráveis que o acompanhava. Esse foi o caso mais grave que sofri na categoria Livro Recebido Pelo Correio.

Não estou fazendo gracinha pela gracinha, não. É que um dia me aconteceu o contrário: recebi pelo correio um livro de Jamil Snege. Eu jamais tinha ouvido falar dele, o que não quer dizer nada, dado o nível da minha desinformação. Agora, como ele tinha ouvido falar de mim, um verdadeiro eremita? Suspeitei de Paulo Hecker Filho, porque o Hecker me levava mais a sério do que mamãe e era do tipo capaz de comprar duzentos e cinquenta exemplares de um livro de que tinha gostado e mandar até para os inimigos, que não eram poucos, por sinal. Mas o diabo é que eu mesmo fiquei com vontade de adquirir um pacote do *Como eu se fiz por si mesmo* (Travessa dos Editores,

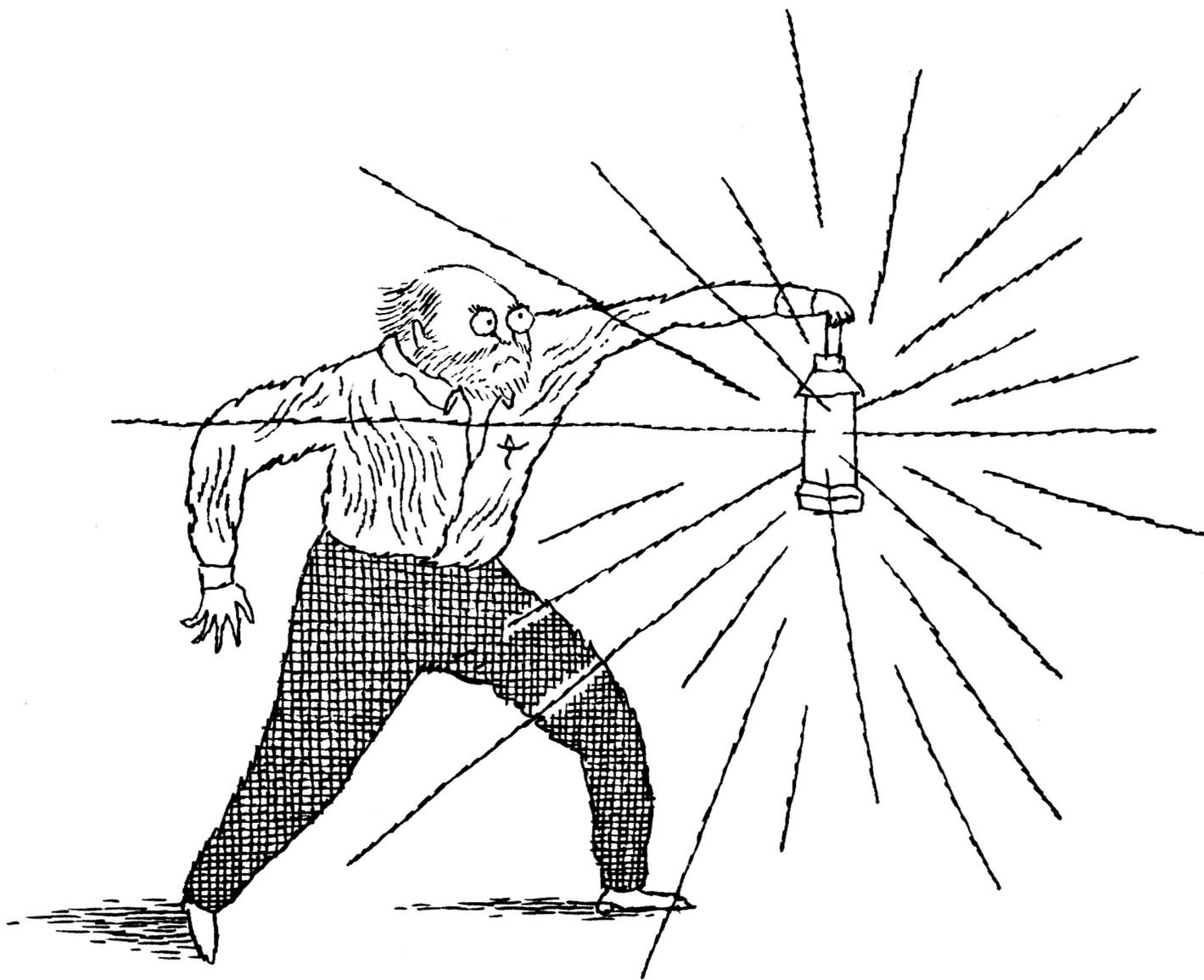
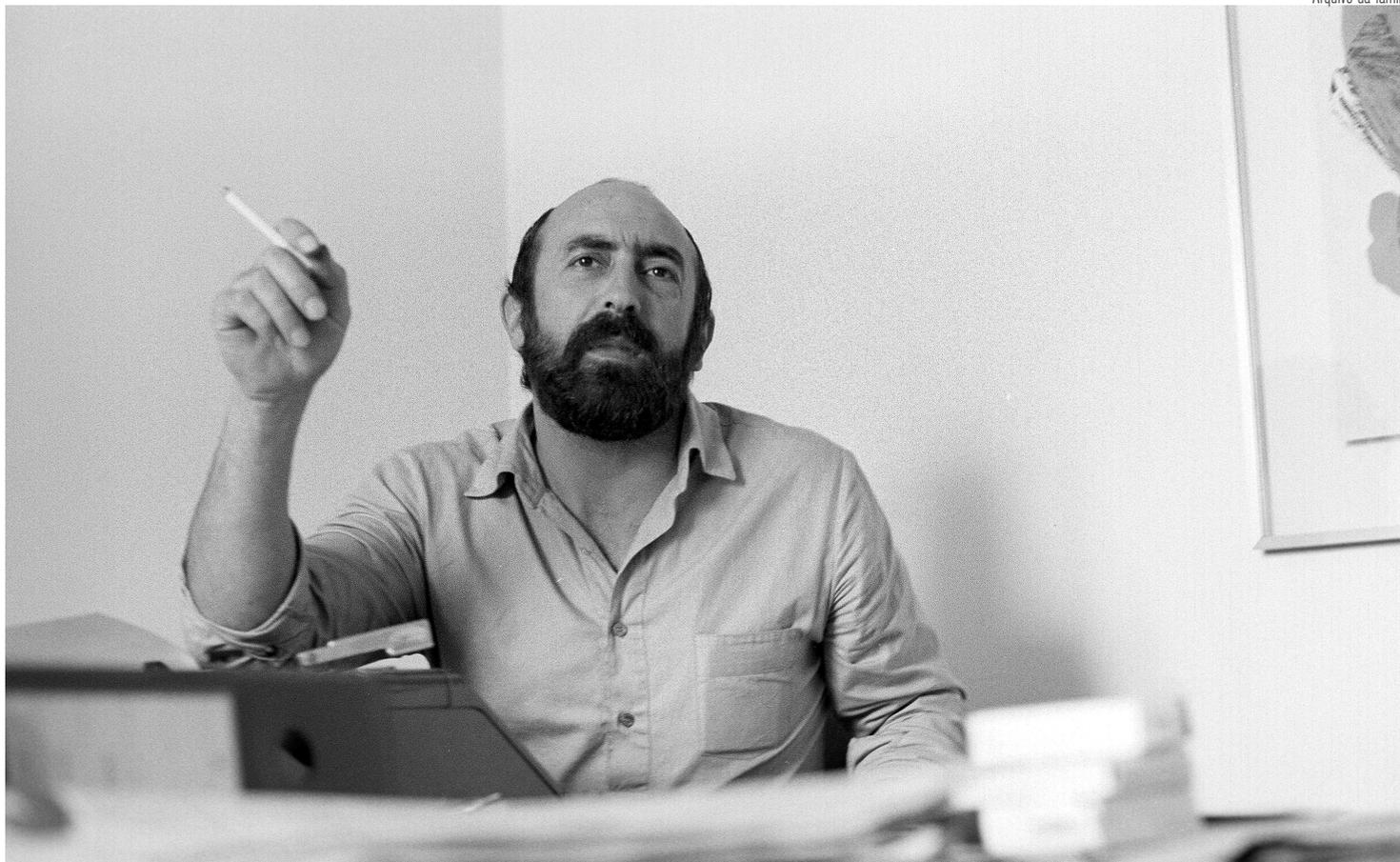


Ilustração:
Rafael Sica

Arquivo da família



"Perderam-se, no espaço compreendido entre a literatura e a publicidade, alguns anos muito preciosos", escreveu Snege, em tom de brincadeira, sobre o seu próprio destino.

1994). Fiquei na vontade. Pior, preguiçoso e desorganizado, fui incapaz de escrever um bilhete para Snege dizendo que tinha rido e chorado como quase nunca. Agora acabo de ler os contos d'*Os verões da grande leitoa branca* (Travessa dos Editores, 2000) e a novela *Viver é prejudicial à saúde* (edição do autor, 1998) e resolvi tomar vergonha na cara.

Dizer que Jamil Snege é um escritor marginal não explica grande coisa, porque no Brasil, fora o Paulo Coelho e mais uns dois ou três, todo escritor é marginal. Muitos ainda esperneiam, procuram editores prestigiosos, buscam divulgação ou, suprema humilhação, um reconhecimento oficial, tipo edições quase póstumas por Secretarias de Cultura e cadeira em academias, às vezes até municipais, que Alá nos proteja. Jamil Snege parece não ter dado bola pra isso tudo desde sempre. Vi apenas um comentário sobre ele, na revista *Blau*, quando saiu *Viver é prejudicial à saúde*, se não contar

as frases de gente como Moacyr Scliar e Leo Gilson Ribeiro na orelha de *Como eu se fiz*. Como autor marginal não tem sorte, Jamil Snege caiu nas mãos de uma estudante de Letras ou Jornalismo que demonstrou, de modo brilhante, que você não pode ser crítico se ainda está em processo de alfabetização.

Jamil Snege ganhou a vida como publicitário, em Curitiba. Isso está no *Como eu si fiz por si mesmo*, que reúne textos autobiográficos, como indica ironicamente o título, que vão da adolescência à vida profissional. Claro que esses textos podem ser ficcionais, ou sobre uma realidade turbinada, digamos, mas isso não interessa: o que interessa é o personagem que emerge desses textos. Não, não se trata de cara — um galã e gênio — ou coroa, como podia se esperar depois do título e da capa do livro, onde um chimpanzé escreve a máquina: o famoso veja-como-eu-era-ridículo. O Jamil do retrato é uma pessoa, só isso,

essa coisa extremamente difícil de se materializar num texto, autobiográfico ou não. Há humor, sim, há ironia, mas humor e ironia não atrapalham nunca a emoção, acho até que a acentuam, nos melhores momentos, como acontece com os grandes humoristas.

Como eu se fiz por si mesmo não tem enredo, quer dizer, Jamil Snege não se apresenta com começo, meio e fim, não tenta uma teoria sobre si mesmo que una, explique e de quebra justifique o que fez ou deixou de fazer. Claro, todos temos uma teoria sobre nós e o mundo, ou até mesmo sobre o outro, mas se somos honestos, ou melhor, se temos coragem suficiente para encarar o bicho no olho, sabemos que não podemos confiar nela, que as teorias nos deixam na mão nos piores momentos, feito os isqueiros e nossos melhores amigos, como dizia o Barão de Itararé. As teorias são a sombra do fotógrafo sobre o objeto fotografado, me enten-

Arquivo da família



Daniel Snege, Jamil e Vera Lúcia Bachmann durante uma viagem pelo Sul do mundo, entre Bariloche e Buenos Aires na década de 1990.

de? É bem possível que essa coragem e desconfiança estejam por trás do livro de Jamil. A opção dele — recolher alguns momentos antes que o passado os aniquile, como uma pessoa que salva alguns pertences ao abandonar a casa que a enchente invade — pode parecer modesta, para um biógrafo consciencioso, um político ou metafísico que nos agarra pelo colarinho exigindo sentido, mas deu num livro extremamente vivo, um negócio raro entre biógrafos, políticos ou metafísicos. Ficou muita coisa para trás, a gente sabe, vai ver o mais importante ficou para trás e de propósito, mas

e daí? Não é assim com todo mundo?

Fiquei me perguntando o que Jamil Snege faria na ficção, porque tem autores que rendem mais falando diretamente da própria vida. Não é o caso, vide *Os verões da grande leitoa branca*, mesmo que alguns contos tenham cheiro autobiográfico, como os excelentes “Sob um céu de tempestade” ou “Em busca de Rostropovich”. *Os verões* é uma antologia, organizada pelo Miguel Sanches Neto, reunindo contos de *A mulher-aranha* (1972), de *Ficção onívora* (1978), de *O jardim, a tempestade* (1989), de *Confabulário* (1998), mais alguns inéditos.

Contos curtos e curtíssimos, texto rápido, fluente, para se ler numa sentada. O humor está presente de novo, negro, absurdo ou melancólico, às vezes misturados. Fecha-se o volume e fica a sensação de que houve um engano, de que perdemos alguma coisa, melhor começar tudo de novo, mais devagar, com mais atenção. A facilidade e a leveza de Jamil Snege são muito enganosas. Muito trouxa vai pensar que tomou um fresco mesmo quando sentir os efeitos da cicuta.

Há em “Sob um céu de tempestade” um clima de agonia que nasce sem ênfase, sem adjetivos e exclama-

ções tipo Edgar Allan Poe. Trata-se de um sonho e tudo é contado de modo direto. A lógica do sonho, estranha como deve ser mas sem jamais deixar de ser lógica como também deve ser, cumpre-se linha a linha, sem uma cena falsa, ou mesmo forçada. Nem a simetria parece forçada. A simetria é parte desse tipo de pesadelo, pelo menos na literatura.

No conto “Em busca de Rostropovich” Jamil nos apresenta um homem culto, educado, brincando de ser europeu, que acaba se envolvendo num assalto. Parece uma ironia fácil, mas a forma tranquila com que Jamil nos dá os sentimentos do homem, a situação absolutamente humana do assalto, com um toque de ridículo que torna tudo mais melancólico e sinistro, não é pra qualquer um, não. Este mesmo toque — digo de humanidade, não de ridículo — aparece no final de um conto muito diferente como “Os verões da grande leitoa branca”, que nas mãos de muitos facilmente poderia não ultrapassar o nível da sacanagem, ou no máximo ficar no deboche picaresco. Como diz Miguel Sanches Neto na orelha, precisamos ter cuidado porque o “autor bate forte”. Mas o autor sabe que bate em gente, não num saco de areia, e não tem prazer nenhum com o nocaute. Daí que precisamos ter mais cuidado ainda.

Seria divertido comentar outros contos, como “Sorriso nos lábios”, “O ciclista”, “No chão sou mais eu”, por exemplo, mas precisamos saber por que motivo viver é prejudicial à saúde. Agora, não posso deixar de notar a tremenda imagem que Jamil cria com “Os poderes de Adam”. Um homem pensa, enquanto espera uma encomenda de Adam, num bar fedorento. Esse homem promete várias mortes, lembra outras e se mostra submisso a Adam. Mas quem é Adam? Não sabemos, talvez um chefão do submundo ou uma espécie de deus. Segundo o homem, Adam não passa de um monte de órgãos e vísceras boiando

num colchão d’água. Pode-se ver o coração de Adam, o sangue circulando, o lençol sob o corpo. É totalmente indefeso. Vive deitado. Para matá-lo, bastaria passar pelas duas amas que cuidam dele e furar a fina película. Mas o homem — um homem ridículo, balofo, com olhos como feijões, que as vítimas só levam a sério quando é tarde demais — continua à espera, maquinando seus crimes.

Claro, viver é prejudicial à saúde, ou no fim não morremos todos? Provavelmente não é um bom título — agora, lida a novela, não tem como pensar em outro mais adequado. Viver é prejudicial à saúde porque vivendo a gente fica barrigudo e com as pernas finas, a gente arruma um monte de doenças ou pelo menos a possibilidade e o medo de adoecer, a gente fica indiferente a quem amou, a gente fracassa profissionalmente, a gente deseja mulheres que são cada vez mais impossíveis. Pior, muito pior: a gente não faz mais sentido. Um quadro baixo astral, sim senhor, só que outra vez Jamil Snege entra com tudo: humor, ironia — viver é prejudicial à saúde mas, pelo menos nesse caso, não embotou a inteligência, nem a sensibilidade e a lucidez. A saída, como se receita há séculos, é o amor. Não precisa suspirar, não se trata de novela das seis, nem de livro de autoajuda. Aqui o amor, apesar da mágica de sempre, vem sem ilusão, sem deslumbramento: o amor aqui é coisa de gente grande, o sujeito continua com a barriga do mesmo tamanho, a mulher puxando de uma perna e com varizes. Não há como escapar do amor. Estamos condenados ao amor. Tenho dito.

Não, ainda não. Essa novela tem um problema sério: é corroída por comentários, por opiniões. Grande parte dela é crônica. Em vez de fatos, papos. Só me dei conta disso na segunda leitura. Sinal de que o papo era bom. Agora sim tenho dito.

Não, de novo não. Cabe uma reflexão final: por que Jamil Snege não está na lista dos mais vendidos? Por que

“ Viver é prejudicial à saúde porque vivendo a gente fica barrigudo e com as pernas finas, a gente arruma um monte de doenças ou pelo menos a possibilidade e o medo de adoecer, a gente fica indiferente a quem amou, a gente fracassa profissionalmente, a gente deseja mulheres que são cada vez mais impossíveis. Pior, muito pior: a gente não faz mais sentido”.

os jornais o ignoram? Por que as livrarias não o expõem? As livrarias só expõem o que a imprensa comenta e a imprensa só comenta — o que é mesmo que a imprensa comenta? O leilão da virgindade da cantora adolescente? Os contos eróticos da atriz? O ego e os ponto-e-vírgulas errados de Fernanda Young? Patrícia Melo, que não conhece pivete nem de esmola, como demonstra tintim por tintim em *Inferno*? A imprensa é pauperizado do mundo dos espetáculos.

Mas os editores, os grandes editores, hein? Que eles tenham medo de publicar autores sem grandes chances no mercado, entende-se. Chia-se mas se entende. Agora, que continuem indiferentes aos que têm todas as chances de emplacar me parece um caso sério, muito sério. Alguém deve estar na profissão errada em algum lugar nessa corrente pra frente. ■

 **Ernani Ssó** nasceu em Bom Jesus (RS). É autor da série infantojuvenil *No escuro* e do romance *O diabo a quatro*. Vive em Porto Alegre (RS).

Havia um rei, havia um reino

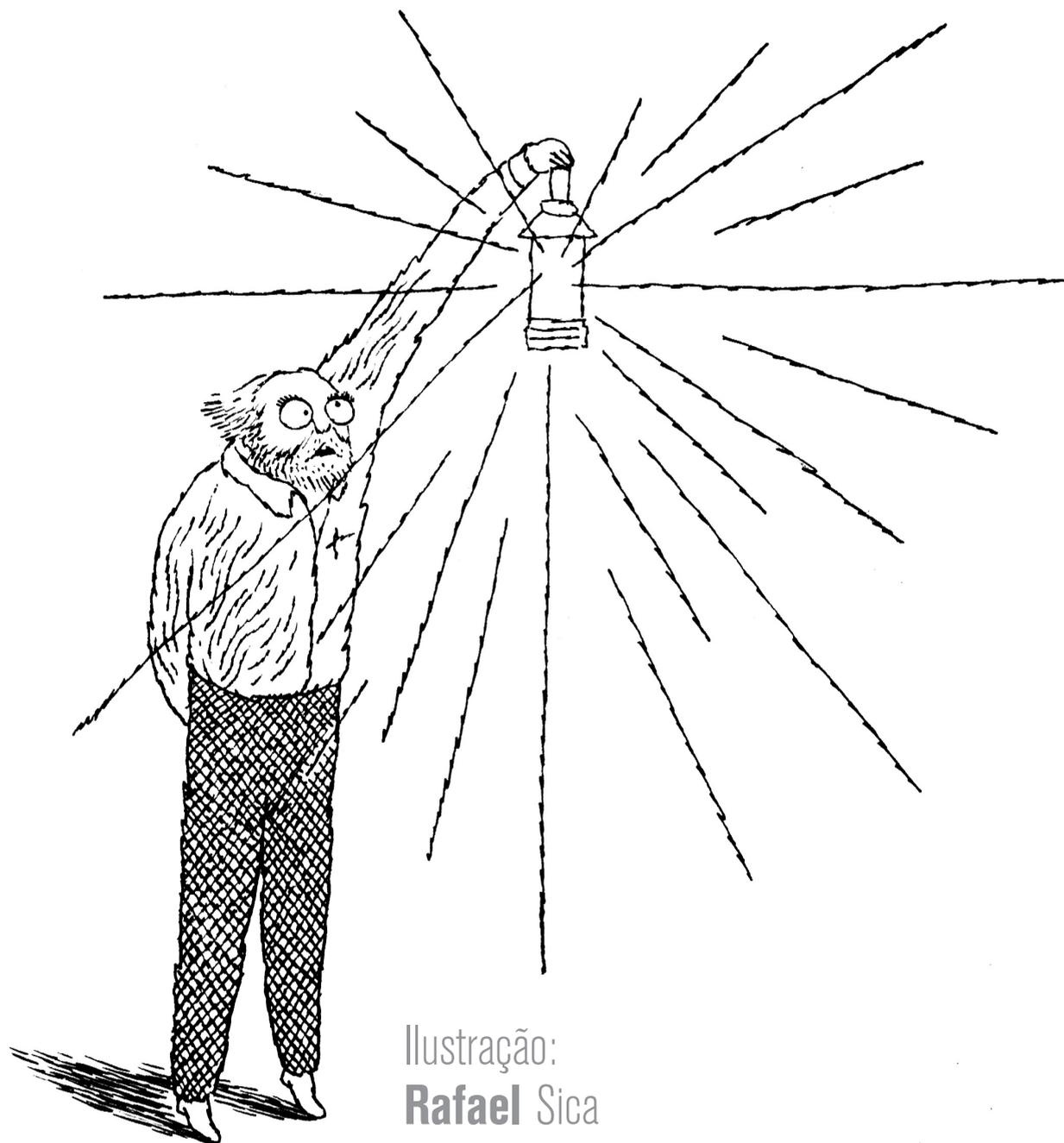


Ilustração:
Rafael Sica

JEAN MARCEL SNEGE

Você é parente do Jamil? É com desconforto que recebo essa pergunta quando surge meu sobrenome. Sinto como se a pessoa que indaga conhecesse melhor meu pai que eu próprio. Tímido, escapo na maioria das vezes, minto sem culpa. Ainda é difícil admitir meu pedigree.

Quando nasci, meu pai já passava dos quarenta. Ao ler o último capítulo de *Como eu se fiz por si mesmo*, você duvidaria que aquele amargurado narrador, descrente, depressivo, fosse capaz de começar tudo outra vez.

Muito do que ele deixou naquelas páginas ainda me surpreende. As pessoas não imaginam o Jamil como um pai de família classe-média, que consertava o ferro de passar, que buscava marmitta no buffet por quilo, que cochilava vendo o futebol na quarta-feira. Querem detalhes da boemia, dos bastidores políticos, do processo criativo. E nada seria mais brochante que meus relatos sobre o cotidiano familiar. Por isso, fujo, mantendo intacto o culto ao personagem.

Minhas memórias são confusas e confesso que relutei em escrever este texto. A verdade é que mesmo após dez anos, não fui capaz de elaborar a morte dele. Eu, minha mãe e meu pai éramos muito ligados e dependentes emocionalmente dessa unidade. Bastávamos, mesmo que cada um em seu universo, desde que estivéssemos juntos.

Ele fazia questão de me levar aonde fosse, para terror de alguns amigos que se intimidavam diante do pueril apêndice. Observava com idolatria o seu magnetismo e a capacidade de dominar a plateia. Era versado em todos os assun-

tos e quando não sabia a resposta, fazia saltar os volumes da nossa biblioteca.

Cresci em uma agência de publicidade, engatinhando entre *layouts*, perturbando a criação com meus brinquedos estridentes. Quanto mais velho ficava, mais vazia ia se tornando a casa. Onde antes trabalhavam quarenta pessoas, restaram apenas meus pais e a mobília. Era um ambiente caótico, pós-apocalíptico. As mesas se mantinham ocupadas, como se todos tivessem abandonado às pressas o local. Ao mesmo tempo, havia a tristeza da mãe que preserva o quarto do filho que não vai voltar.

A mística mesa do meu pai ficava bem ao centro da sala de criação. Pó, muito pó. Rascunhos, livros abertos e esquecidos, envelopes, embalagens de balas, uma lata vazia de coca-cola e a máquina de escrever. Eu sentava em uma mesa a sua frente e me distraía com papéis e canetas enquanto observava ele teclar suas palavras apenas com os indicadores. Mas para mim, o objeto mais fascinante era uma caixa de charutos, onde residia uma perniciosa e permissiva aranha.

A tampa se abria e surgia o tétrico mascote na lentidão de suas longas e finas patas avermelhadas. Passeava livremente, arrastando o corpo esférico, como uma bola de gude. Passava dias sem aparecer, antes de voltar ao ventre da caixa.

Na agência, ele ficava à espera dos errantes que chegavam sem hora marcada, sendo prontamente convocados a participar de atividades paralelas. Jurdos de um concurso de pepino em conserva, ajudantes na secagem de pimentas vermelhas, embaladores de maracujá. Traga suas inquietudes e participe do adestramento de mandaruvá, venha discutir literatura e ganhe um prato fundo

de spaghetti alho e óleo. Percorrer aquela casa desorganizada, lúdica, imprevisível, era invadir os cômodos da sua cabeça. Era o camarim da sua essência, seu grande palco aberto ao público.

Nunca vira meu pai doente. Mesmo sexagenário, tinha uma saúde sólida e se orgulhava do condicionamento físico, resquício dos tempos de militar, dizia. Quimioterapia, radioterapia, coquetéis medicamentosos. Efeitos colaterais tão ou mais nocivos que o câncer. Tornou-se uma caricatura, um magro arremedo de si.

Abraçá-lo era o mesmo que reter um pássaro. Era preciso domar a força diante da sua estrutura exposta, frágil, enquanto meus dedos tateavam os nódulos da metástase que tomava posse de seu corpo.

Lembro que naquela fase da infância onde começamos a entender as coisas e tirar as próprias conclusões, eu associava a calvície diretamente com o câncer. Para reforçar o quadro e a minha confusão, meu pai, nascido em julho, era canceriano. Mais velho, passei a entender o conceito de tempo e perceber as consequências da idade avançada. Vivi a expectativa de sua morte muito antes da doença.

Ao sair do hospital, onde encontrei seu leito já vazio, fui preenchido pela sua ausência. Não tive vontade de chorar, de falar, apenas de escrever.

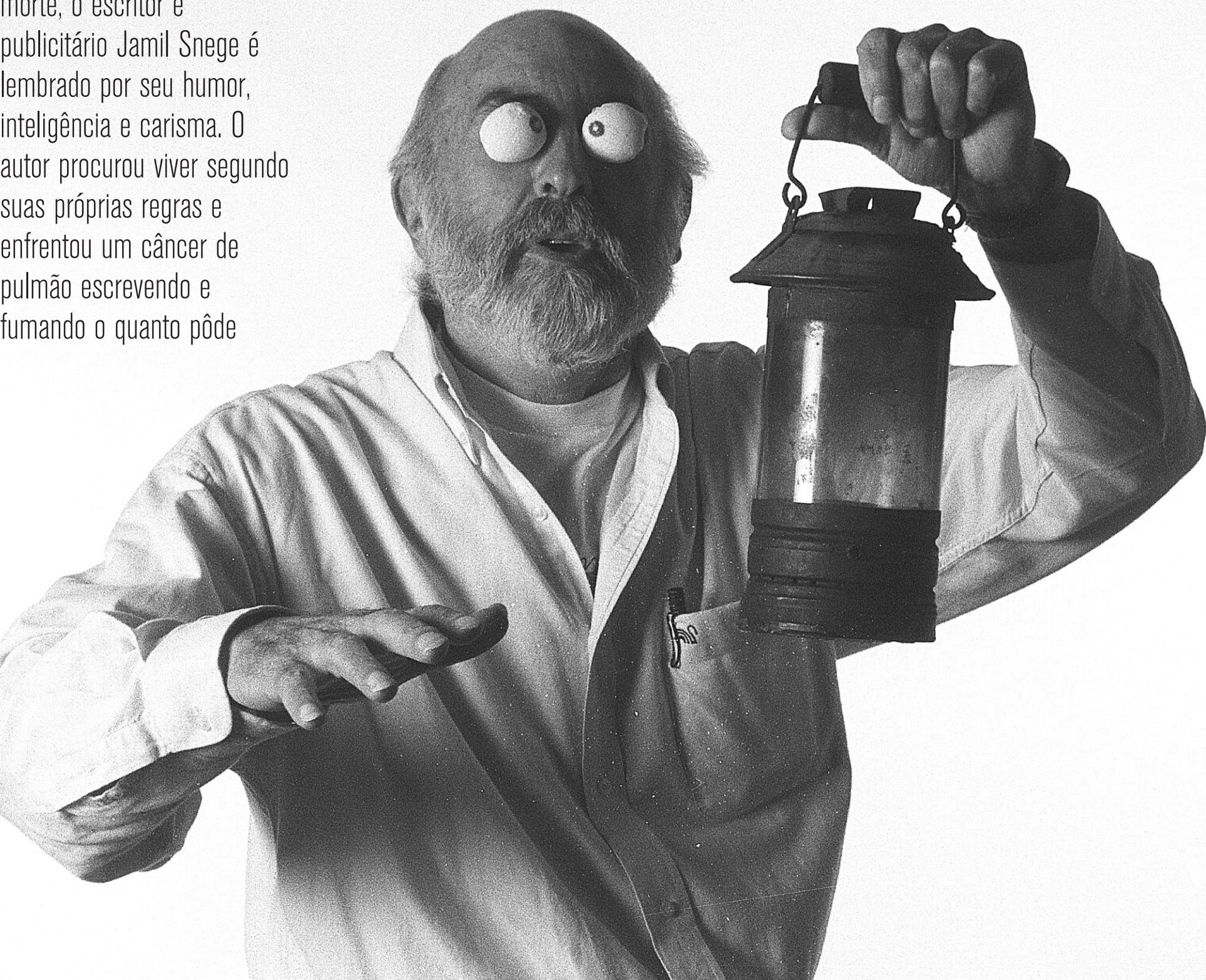
A palavra escrita virou minha comunicação com ele. Passei a ler e reler com voracidade seus livros, a estudar as minúcias de seus textos, a buscá-lo em anotações, cartas, obras preferidas. Encontrei, apenas, um autor fascinante e uma vida anterior a mim.

Foi assim que perdi meu pai e ganhei Jamil Snege. ■

 **Jean Marcel Snege** é publicitário e artista gráfico. Escreve menos do que gostaria. Teve um conto publicado na edição número dois do **Cândido**. Vive em Curitiba (PR).

O anti-herói paranaense

Uma década após sua morte, o escritor e publicitário Jamil Snege é lembrado por seu humor, inteligência e carisma. O autor procurou viver segundo suas próprias regras e enfrentou um câncer de pulmão escrevendo e fumando o quanto pôde



Arquivo da família



Desconcertante, o Turco dominava como poucos a ironia. Sobre a origem do ser humano, escreveu o seguinte: “Acredito que fomos colonizados, num passado distante, por representantes de uma grande fábrica interplanetária de salsichas”.

FRANCO CALDAS FUCHS

Ao deixar um passado com contornos surreais e vários textos que transformaram o seu cotidiano em ficção, o autor curitibano Jamil Snege (1939-2003) também se tornou um grande personagem de si mesmo. Um anti-herói que representou tantos papéis — como o de gênio da publicidade, boêmio, escritor *cult*, soldado incendiário, intelectual da sociologia, dono de loja de artesanato e pai de família —, mas que não se deixou apanhar exatamente por eles. “É a única maneira de continuar a crescer”, escreveu Snege em um texto endereçado ao filho Daniel, no livro *Como eu se fiz por si mesmo*.

Após fazer uma série de pesqui-

sas e entrevistar uma centena de amigos, conhecidos e parentes do escritor — no que resultou em uma biografia inédita sobre Snege —, este repórter se deparou também com múltiplas faces de um homem eternamente inquieto.

Peripécias juvenis

Para desgosto do pai, Antônio Snege, tipógrafo de origem síria, líder de terreiro e senhor dos mais ordeiros, desde garoto “maus espíritos” impeliram Jamil para a anarquia e a literatura. Amigos de infância lembram do Turco, como era chamado, com livros debaixo do braço e sempre aprontando pelo Água Verde, bairro curitibano onde se criou. “Ele era muito safado”, resu-

“ Jamil era uma pessoa muito inteligente e das mais engraçadas. Tinha uma capacidade incrível de imitar certas pessoas. Especialmente as mais próximas. Talvez a mim deve ter imitado para outros amigos. Raras vezes ri tanto na minha vida como em muitas com ele. O jeito dele contar as coisas... Ele se soltava. Era um ator, poderia ter feito teatro.”

Nêgo Pessôa, jornalista.

Arquivo da família



À esquerda, Jamil Snege, ao lado de um amigo não identificado. Diante deles, um carnaval curitibano e todas as suas possibilidades.

“ Quando você levava um texto para o Jamil, ele lia, dava sugestão, arrumava. E sempre com uma delicadeza. Era o único momento em que ele era delicado, porque, de resto, era mordaz. Até o ponto em que cheguei para ele e disse: ‘A hora que você usar dessa mordacidade comigo a nossa amizade acaba’. E ele nunca mais fez gracinha. Fazia pelas costas, na verdade. Mas era uma pessoa absolutamente dedicada aos amigos.”

Wilson Bueno (1949-2010), escritor.

me a irmã Sheila, cinco anos mais nova, ao se recordar das estripulias que deixavam a mãe, Anita Bassani, de cabelo em pé. “Ele era o oposto do meu pai. Era totalmente contra o sistema da época. Não trabalhava, não se adaptava aos horários, era a ovelha negra da família”, completa Iberê, o irmão caçula.

Como pretexto para aproveitar a boemia curitibana, aos 16 anos, Snege começou a escrever em colunas sociais. E, por chegar de madrugada, irritava e até confundia o pai. Um dia, Antônio levantou às 6h e encontrou Jamil arrumado, tomando café. “Agora sim! Levantando cedo e indo trabalhar. É isso que você tem que fazer sempre!”, disse o pai. Jamil, porém, tinha acabado de chegar em casa.

Mas, de tudo o que aprontou na juventude, o maior choque para a família foi causado pela “grande cagada”, descrita em *Como seu se fiz por si mesmo*. Aos 18 anos, prestes a se formar como oficial do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), provocou um incêndio em um treinamento militar. E isso por pura brincadeira, com a brasa do inseparável cigarro. “Ele deixou até a última hora para contar que tinha sido expulso do CPOR. A farda estava pronta para a formatura”, lembra Iberê.

Retrato de um *Tempo sujo*

Em 1960, para não ficar mais um ano como soldado em Curitiba, Jamil optou por cumprir o serviço militar como paraquedista no Rio de Janeiro. Lá, aproveitou ainda para estagiar como jornalista na *Tribuna da Imprensa* — veículo que, anos mais tarde, publicaria alguns de seus contos em seu suplemento literário.

Sobre a dureza do treinamento militar no Rio, diria numa entrevista em 1998: “Passei uns oito meses assim: abrindo valeta, fazendo todas essas tarefas. Aquilo foi bom porque tirou qualquer nascente arrogância que eu pudesse ter”.

Em 1961, retornou a Curitiba. E já nessa década era respeitado nas rodas intelectuais — também frequentadas por Dalton Trevisan — que se formavam em torno da Boca Maldita. Em 1965, participou da antologia *Contos de repente* e, em 1968, publicou a novela *Tempo sujo*: retrato da juventude da época, tratando de tabus como virgindade, casamento e revolução.

Por ter alguns personagens inspirados em pessoas reais (o livro, aliás, é dedicado aos personagens — “que me pouparam o trabalho de inventá-los”), a obra causou alvoroço e teve a edição esgotada rapidamente. “Jamil dizia que moças de boa família não podiam ler aquilo. Minha mãe, inclusive, depois rasgou o meu livro, dizendo que

não queria aquele tipo de coisa dentro de casa!”, conta Luiza Helena, ex-mulher e mãe de Daniel Snege.

É curioso lembrar que, antes de Luiza, Jamil namorou a poeta Alice Ruiz, ex-mulher de Paulo Leminski. Tal fato contribuiu para que ele e Leminski se colocassem a uma certa distância. “Eles tinham temperamentos distintos. O Turco não bebia, só fumava cigarro. Enquanto o Polaco usava todos os aditivos. E, por causa da Alice, era mais o Leminski que tinha uma certa rusga com o Jamil. Mas o Turco tinha uma generosidade tão grande que, quando saiu o *Catatau*, ele foi o primeiro a resenhar. E com um texto derramado ao Leminski”, conta o publicitário e escritor Ernani Buchmann, amigo dos dois.

Uma banana para a publicidade

A partir da década de 1970, já formado em Sociologia pela Faculdade Católica, Snege atuaria mais intensamente como redator publicitário. Nas agências era conhecido pelo talento e pela irreverência. Fugia até pela janela para escapar de reuniões chatas e escandalizava de várias formas. “Ele adorava azucrinar a moça do cafezinho e jogava um rolo de papel higiênico dentro da jarra de chá. Jamil também não gostava que apresentássemos a agência aos clientes, porque ele se sentia um bicho no zoológico. Uma vez, abri a porta para apresentá-lo e ele imitou um macaco”, lembra, aos risos, o publicitário José Dionísio Rodrigues, chefe de Snege na agência Opus.

O Turco era indisciplinado, mas

muito premiado. Basta dizer que, no Prêmio Colunistas, que premiava os melhores da década, foi autor do Melhor Anúncio (pela peça intitulada “Propaganda em Tempos Bicudos”), da Melhor Campanha (por Kid Malu), e do Melhor Comercial (por “Copo e Lâmpada”).

Ao adquirir, em 1983, a agência Beta — gerida também pela última esposa, Vera Lúcia Bachmann, mãe de Jean Snege —, Jamil continuou se destacando e venceu, em 1987, o Prêmio Profissionais do Ano, concedido pela Rede Globo. Por tudo isso, muitos apontam que ele poderia ter enriquecido com a publicidade, especialmente na década de 1980.

O Turco, porém, nunca pareceu almejar isso.

Reedição das obras de Snege é incerta

FRANCO FUCHS

Os leitores de Jamil Snege precisarão garimpar em sebos e bibliotecas para encontrar livros do autor, esgotados há muito tempo nas livrarias. Após a morte de Snege, os herdeiros ainda não chegaram a um acordo sobre o rumo das obras. Detentores dos direitos autorais, juntamente com a viúva Vera Lúcia Bachmann, os irmãos Jean e Daniel Snege manifestam o desejo de relançar os livros. Porém ainda não comentam sobre datas ou editoras. “Todos queremos que os livros voltem a circular. É uma obra de imensa qualidade e inventividade, que tem seu lugar entre os grandes da literatura paranaense e, por que não, nacional”, afirma Jean. “Os 10 anos de morte, sem publicações, são emblemáticos. Está mais do que na hora de fazer uma reedição à altura de um escritor como o Jamil”, completa Daniel. Os últimos livros de Snege, *Os Verões da grande leitoa branca* e *Como tornar-se invisível em Curitiba*, foram lançados em 2000. Uma reedição da coletânea *O jardim, a tempestade*, revista e ampliada pelo autor, foi impressa em 2004, pela Travessa dos Editores, mas não entrou no mercado. Em sebos, alguns títulos custam R\$ 300. Com autógrafo, o valor da obra ultrapassa R\$ 500.

Arquivo da família



Pausa durante a gravação de um comercial para a extinta loja Malucelli da Visconde. O Turco é o terceiro da direita para a esquerda, e está ao lado do filho Daniel, autor de algumas das imagens que ilustram esta edição.

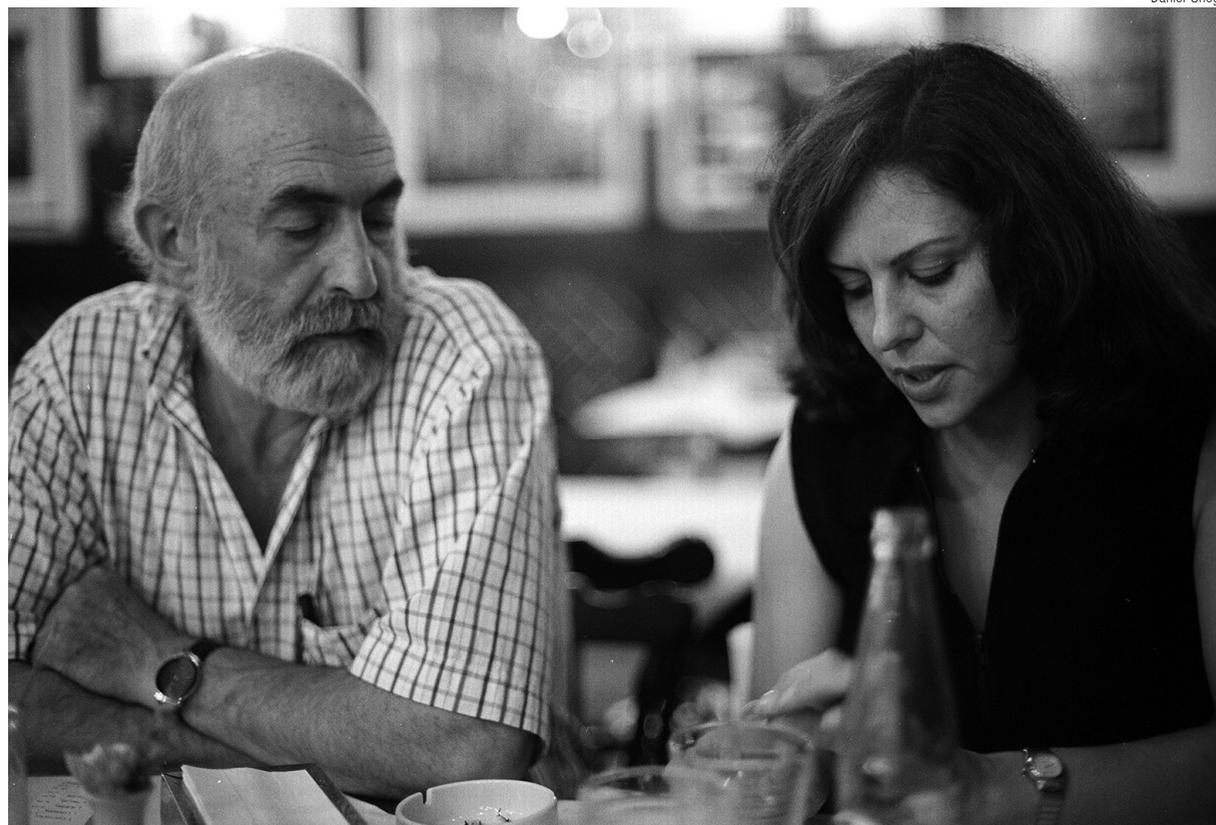
Em uma entrevista, em 1996, afirmou: “Jamais me considere um empresário da propaganda. Seleciono os trabalhos pelo prazer que eles podem proporcionar”. A possibilidade de mandar uma “banana” para esse universo também era algo que passava constantemente por sua cabeça.

Em 1976, ele até tentou se afastar da área e montou uma loja de artesanato na Travessa Jesuíno Marcondes, chamada Cordel. O empreendimento foi aberto com o amigo Polaco Victor — que na década de 1990 lhe construiu uma cabana rústica em Santa Felicidade. Snege, porém, não se empolgou com a vida de comerciante. Por varar madrugadas, não acordava cedo e muitas vezes a loja era aberta por amigos ou pela então companheira Graça Andrade, com quem viveu por 10 anos. Mais do que retorno financeiro, em um ano de existência, a loja rendeu histórias pitorescas.

Ousadia e humor

Ao chegar aos 50 anos, Snege se concentrou no *marketing* político. “Na publicidade, o produto é inerte na tua frente. Com o candidato você é capaz de fazer performances diante da coisa política”, disse ele em uma entrevista na década de 1990. De fato, as performances que arrancou de seus clientes são memoráveis. Fez, por exemplo, Tony Garcia aparecer em comerciais lutando boxe e até caçando vampiros. Como resultado, Tony, até então desconhecido, terminou em segundo lugar na eleição para o senado em 1990.

Quatro anos depois, graças às ideias de Snege, Rosemeri Kredens também virou celebridade em sua improvável candidatura ao governo do Estado, em 1994. No horário eleitoral, vestiu-se de noiva, descascou batatas e discursou contra o machismo maquiada com um olho roxo. Notícias sobre ela saíram em revistas como *Veja* e *Isto* é, assim como



Daniel Snege

Durante uma viagem à Argentina, ao lado de Vera Lúcia Bachmann, companheira com quem viveu durante um terço de sua vida.

“Acho que era difícil, para o Jamil, a contradição de ser um homem de espírito crítico, de aguçado interesse intelectual por tudo, mas com uma veia espiritual forte. Ele era respeitoso com o sobrenatural e me falava de visões que tinha. No fundo, era um místico reprimido. Quando escreveu o livro *Senhor*, que é uma profissão de fé e de dúvida, ele estava em uma fase muito espiritualizada.”

Aroldo Murá G. Haygert, jornalista.

no *Jornal Nacional* e no *Fantástico*. “O sucesso foi tão grande, que as pessoas me paravam na rua e perguntavam: qual é a surpresa do programa de hoje?”, conta Rosemeri. Do período em que frequentou a Beta, que foi ponto de encontro de escritores, políticos e aspirantes a cargos públicos, ela lembra do Turco calmo e zombeteiro, entre cigarros e cafezinhos, recortando santinhos de candidatos. Ca-

belos, bocas e olhos eram trocados por ele, formando novas “criaturas” expostas no tampo da sua mesa de vidro.

Literatura diante do abismo

Com onze livros publicados — por conta própria ou por editoras locais —, ao longo de sua carreira literária, Snege foi reconhecido por vários críticos, como José Castello e André Seffrin, e

por outros escritores nacionais como Moacyr Scliar, Hilda Hilst e Cristovão Tezza — de quem foi “guru”. Mas, por opção, Snege nunca foi atrás das grandes editoras, que eventualmente poderiam lhe dar condição de largar a publicidade. Apesar disso, não escondia o sonho de, um dia, viver apenas de literatura.

O desejo nunca se concretizou.

Mas Jamil continuou escrevendo, até mesmo durante a luta contra um câncer de pulmão, descoberto em 2002. No dia 7 de julho daquele ano, os leitores das suas crônicas na *Gazeta do Povo* souberam que ele estava com um “alien dentro do peito”. “Ainda não nos encaramos como inimigos, mas paira sobre nós a mútua suspeita de que um tentará destruir o outro”, escreveu Snege, no primeiro de uma série de textos impactantes sobre o assunto.

Mesmo durante a quimioterapia, não deixou totalmente de fumar, e continuou relatando com sangue frio e sarcasmo a situação que enfrentava. Ao perder a tradicional barba, na crônica “A metamorfose”, Snege se comparou a um “bicho da goiaba”. “Apenas minhas sobrancelhas ainda sombreiam o olhar de espanto com que me miro”, escreveu.

“Embora estivesse apreensivo, ele conseguia se distanciar e tratar do pior dos infortúnios com humor e distanciamento. Ele sempre tratou tudo dessa forma e detestava a autocomiseração”, lembra o escritor e amigo Fábio Campana. Pouco antes da sua morte, em 16 de maio de 2003, Snege disse a Fábio que desejava ter apenas mais cinco anos para terminar algumas obras. Entre elas, *O grande mar redondo*, romance sobre Antônio Vieira, personagem histórico paranaense. ■

“Jamil condensava uma maneira curitibana de escrever e ver o mundo. A sua ironia sarcástica, a sua forma de heroicizar as misérias e o seu lirismo negativista influenciaram a minha maneira de escrever. Ele era um grande gozador, não levava nenhuma de nossas pretensões a sério, e isso faz um bem danado para quem quer se dedicar à literatura. (...) Depois do tratamento contra o câncer, quando perdeu a barba que tanto o orgulhava, e começou a nascer uma barba rala e espetada, ele se autoapelidou de Capitão Chuchu. Ele brincou com o seu fim.”

Miguel Sanches Neto, escritor.

Daniel Snege



O mestre da ficção, artista que soube viver e rir da vida: “Havia um rei, havia um reino; eu me errei.”

“Eu ia na Beta e ficava parado, tentando absorver tudo o que podia. Lembro do Jamil pensando e cofiando o bigode devagar, logo acima do lábio superior, com a ponta de uma lapiseira. Então alguém buzinava na frente da agência e ele corria até a janela, serelepe e animado. Parecia um personagem engraçado de filme. (...) Lembro dele me dizendo: ‘Tem que ler Harvey Cox: *A cidade do homem*. Gabriel García Márquez: *Cem Anos de Solidão*. Você só vai ser na vida aquilo que você lê, Marcelo!’”

Marcelo Almeida, engenheiro

BPP lança Prêmio Paraná de Literatura 2013

Já estão abertas as inscrições para segunda edição do concurso, que vai selecionar livros inéditos de autores de todo o Brasil nas categorias Romance, Conto e Poesia



DA REDAÇÃO

A Biblioteca Pública do Paraná lançou no dia 29 de abril o Prêmio Paraná de Literatura 2013. Como na primeira edição, realizada no ano passado, o concurso da Secretaria da Cultura do Paraná vai selecionar livros inéditos em três categorias que homenageiam escritores importantes da literatura paranaense: Romance (prêmio Manoel Carlos Karam), Contos (prêmio Newton Sampaio) e Poesia (prêmio Helena Kolody). Em 2012, quase 900 obras foram inscritas por autores de todo o Brasil.

O vencedor de cada categoria receberá R\$ 40 mil e terá sua obra publicada pela BPP, com tiragem de mil exemplares. Os premiados também receberão 100 cópias de seus livros e poderão, mais tarde, reeditar os trabalhos por outras edito-

ras. As inscrições são gratuitas e devem ser feitas até o dia 30 de julho (o edital com as regras e instruções está disponível no site bpp.pr.gov.br). O resultado será divulgado na primeira quinzena de dezembro.

Em 2012, os vencedores foram Alexandre Vidal Porto (*Sergio Y vai à América*, romance), José Roberto Torero (*Papis et circensis*, contos) e Lila Maia (*As Maças de antes*, poesia). Os três livros foram lançados e distribuídos pelo selo Biblioteca Paraná, que também edita autores paranaenses e resgata títulos relevantes que estejam esgotados ou fora de catálogo. Vidal Porto e Torero já confirmaram a reedição de suas obras pelas editoras Companhia da Letras e Alfabeta, respectivamente, enquanto Lila Maia promete para breve uma segunda impressão de seu trabalho.

“A publicação dos livros ganhadores também por grandes editoras mostra a força do Prêmio Paraná de Literatura e a seriedade com que os jurados trabalharam na escolha dos vencedores”, afirma Rogério Pereira, diretor da BPP e presidente do júri — que em 2012 contou com nomes como José Castello, Luiz Ruffato, Marçal Aquino e Heloisa Buarque de Hollanda, entre outros. “A comissão julgadora é um dos pilares do Prêmio. Teremos um cuidado muito especial na escolha dos nove integrantes do novo júri”, completa Pereira.

Para o diretor da BPP, a preocupação central da organização do Prêmio Paraná é fortalecê-lo como um dos principais concursos literários do país. Para isso, foram mantidas a premiação em dinheiro apenas para os três primeiros colocados de

cada categoria e a exigência de total inéditismo dos livros inscritos. “Os ganhadores com certeza serão reconhecidos como autores de qualidade, pois a disputa será sempre acirrada, levando em consideração o valor expressivo a ser pago. Além disso, um prêmio como este precisa surpreender o meio literário, despertar a curiosidade sobre a obra ganhadora. Daí a opção por trabalhos 100% inéditos”, explica.

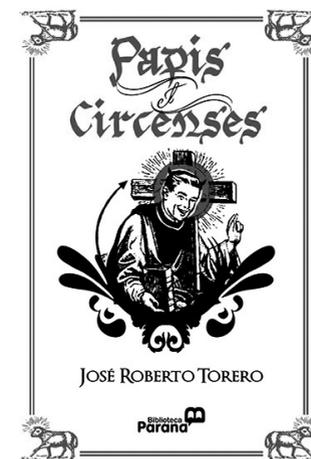
“Quem ganha é o texto”

Vencedor na categoria Romance em 2012, Alexandre Vidal Porto diz que a premiação significou um impulso em sua carreira como escritor e o apresentou a outros públicos. “Como *Sergio Y vai à América* foi distribuído em bibliotecas e escolas, tenho recebido várias mensagens de leitores comentando alguns aspectos da história.”

Praticamente desconhecida antes do concurso, Lila Maia conta que *As maçãs de antes* já recebeu críticas positivas de autores famosos como Affonso Romano de Sant’Anna, Marcelino Freire e Suzana Vargas. “O Prêmio Paraná tem essa característica muito importante de abrir portas para escritores que estão fora do circuito literário”, afirma.

José Roberto Torero, vencedor do Jabuti em 1995 por *O Chalaça*, destaca o fato de que a comissão julgadora do Prêmio Paraná avalia as obras inscritas sem saber quem são os participantes. “É muito melhor assim. Em outros prêmios, o nome do autor, da editora, os amigos e inimigos do autor e a cobertura da imprensa podem acabar influenciando, para o bem ou para o mal. Aqui, não. Aqui quem ganha é o texto. E só ele é que importa.” ■

As capas dos três livros vencedores do Prêmio Paraná de Literatura em 2012.





não tente gostar
de Brasília
tão rápido assim

blocos de verdade
sobrevoad
superquadras
imaginárias

superquadras
à procura
de uma cidade

 **Nicolas Behr** (Nikolaus von Behr) nasceu em Cuiabá, em 1958. É autor do livro *Porque construí Brasília*. Vive em Brasília.

cipis
2



RETRATO DE UM ARTISTA | PHILIP ROTH

PHILIP ROTH

Por **Marina Moraes**

Philip Milton Roth nasceu em 1933, nos Estados Unidos. Um dos nomes mais importantes da ficção americana pós-guerra, Roth usa a própria vida como combustível de sua ficção. Sua obra é povoada por alteregos que enfrentam situações de crise sobre sexo, família e maturidade. De origem judaica, muitos de seus romances discutem os problemas de identidade dos judeus americanos. Entre suas obras mais famosas estão *O complexo de Portnoy* (1969), *O teatro de Sabbath* (1995) e *O avesso da vida* (1986). Anunciou sua aposentadoria como escritor em 2012, depois de publicar o romance *Nemesis* (2010).

 **Marina Moraes** é ilustradora e designer gráfica. Vive em Curitiba (PR).

